

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
8



R\$ 15,00

Exemplar encartado no Jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.

Suplemento
literário
do Jornal A União
Outubro
2025

FLIPARAÍBA

Segunda edição do festival literário internacional
tem como tema "Nossa língua, nossa gente —
ancestralidade, identidade e o futuro da democracia"

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Alvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. *Página*

Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

A literatura é forjada pelo calor humano. O ato de comunicação vai além da língua, unindo corações e mentes por meio da reflexão, imaginação, entretenimento, conhecimento, conscientização e cultura, entre outras características que movem os povos, como a Terra rodopia ao redor do Sol. A língua portuguesa — oral ou escrita — é viva porque nós a fazemos no dia a dia.

No final de novembro, o epicentro literário lusófono será a Paraíba, em um festival internacional que visa ampliar as perspectivas e as vivências, sem barreiras e fronteiras, como uma verdadeira pangeia, aquela que unia os continentes, literalmente.

Com o oportuno tema “Nossa língua, nossa gente: ancestralidade, identidade e o futuro da democracia”, a segunda edição do FliParaíba acontecerá gratuitamente nos dias 27, 28 e 29 de novembro, no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa, reunindo artistas e pensadores do Brasil, África e Portugal.

Serão três dias com a presença de diversos autores e autoras vindos de mais de 10 países, além de 10 mesas com os mais variados debates e apresentações musicais. Entre os convidados, povos indígenas, ciganos e afrodescendentes vão atuar como protagonistas, ganhando voz e visibilidade, assim como o marginalizado segmento artístico periférico.

Nesta edição, acompanharemos um panorama do que será o evento, com depoimentos dos organizadores e de alguns participantes, atestando a celebração da ancestralidade, da identidade e do futuro da democracia. Que o FliParaíba enriqueça a pluralidade pulsante da nossa gente.

ARTIGO 18

Sérgio de Castro Pinto fala sobre decolonização em palestra que proferiu em Portugal

ENSAIO 34

Carlos Rodrigo nos apresenta os contrastes e as semelhanças entre duas realidades

DIALOGOS 48

Beleza da literatura feminina negra pelos olhares das escritoras Françoise Ega e Carolina de Jesus

MEMÓRIA 56

Uma das últimas entrevistas do escritor, poeta, editor e ativista cultural Juca Pontes (1958-2023)

POESIA 61

“Mudar é um enigma só para plantas”: os 30 anos da poesia de André Ricardo Aguiar

RESENHA 64

A arte do luto cotidiano em “Kitchen”, romance da japonesa Banana Yoshimoto



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Lucas Nóbrega e Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa e ilustrações

Lucas Nóbrega e Tônio
Ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

FliParaíba

Um festival que une continentes, tempos e ideias

Com o tema “Nossa língua, nossa gente: ancestralidade, identidade e o futuro da democracia”, segunda edição do evento internacional acontecerá gratuitamente no final de novembro, no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa, reunindo artistas e pensadores do Brasil, África e Portugal

Alexsandra Tavares

alexsandrajornalista@gmail.com

O idioma é um dos mais relevantes elementos para aproximar pessoas. Isso porque o entendimento comunicacional gera diferentes conexões, que vão desde a identidade e empatia até a concretização de propósitos. Porém, sem a democratização de ideias, o progresso cambaleia e cai por terra, tal qual a Torre de Babel. Seguindo essa lógica, o Festival Literário Internacional da Paraíba (FliParaíba), que, no dia 27 de novembro, estreia a sua segunda edição, em João

Pessoa, reúne artistas e pensadores do Brasil, África e Portugal, integrantes da comunidade lusófona. Entre os participantes dos três dias de evento, o “falar a mesma língua” transcende o sentido literal do idioma, uma vez que estão sintonizados na missão de fortalecer a cultura, disseminar conhecimentos e exaltar saberes há tempos sufocados pela mácula do preconceito, da colonização e da hegemonia de poderes.

O FliParaíba é realizado pelo Governo da Paraíba em

parceria com a Associação Portugal Brasil 200 anos (APBra) e trará na edição 2025 o tema “Nossa terra, nossa gente — ancestralidade, identidade e o futuro da democracia”. A frase resume a amplitude da missão do festival, que é promover a integração cultural entre grupos conectados pela língua mãe, como também entre artistas que vivenciam experiências opressoras arraigadas desde a colonização, ou pela prática de xenofobia, misogi-

Foto: Leonardo Ariel

Edição inaugural do FliParaíba, realizada no ano passado, reuniu diversos públicos, de várias gerações, na feira do livro, cujo palco foi o Centro Histórico da capital do estado



Fotos: Carlos Rodrigo

nia e outras violências sociais que veem como “menor” tradições dos povos originários, de comunidades tradicionais, periféricas e das mulheres. No FliParaíba, o talento dos artistas estão postos em pé de igualdade em termo de respeitabilidade, tanto dos veteranos quanto dos estreantes.

Dessa forma, o evento põe em prática o diálogo democrático entre as mais variadas fontes literárias e culturais, numa participação igualitária de seus representantes, defendendo diretrizes contidas no decolonialismo. “Estamos trazendo para dentro do festival representações, por exemplo, das culturas indígenas, quilombolas e ciganas. A Paraíba tem a maior população cigana sedimentada, ou seja, que se estabeleceu no mesmo território do Brasil. Essas produções artísticas, literárias, estão sendo trazidas para o festival e vão poder dialogar com o mundo”, declarou Pedro Santos, secretário de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB).

Para ele, a noção de decolonialismo deve ser praticada nas ações do cotidiano, com atitudes que impactem na vida das pessoas, e que elas se sintam atingidas por aquela iniciativa que se pretende decolonial. “O grande exercício de pensar o decolonialismo é pensá-lo no dia a dia, na prática, no cotidiano, para além das teorias, para além dos discursos bonitos”, completou Santos.

Abrir espaço para a manifestação cultural de forma plural é contribuir, efetivamente, para banir práticas coloniais que há séculos afligem artistas de várias etnias e diferentes segmentos. O FliParaíba, com os seus desenvolvedores, literários e artistas ecoam esse grito no meio social.

O curador José Manuel Diogo, presidente da APBra e parceiro do evento, também ressaltou que o tema deste ano propõe uma reflexão que vai bem além do discurso — uma vez que é vivida e sentida nas vozes que o festival convoca. Ele afirmou que “ao discutir ancestralidade, identidade e democracia, o FliParaíba inscreve-se em uma agenda decolonial, mas não no sentido restrito de uma reparação crítica: trata-se de um processo de reconstrução ativa, de imaginar futuros mais justos, inclusivos e sustentáveis”. E completou: “As mesas e conversas deste ano mostram como as palavras podem ser instrumentos de libertação simbólica e de reescrita do mundo. A literatura, aqui, é a ferramenta com que se redesenha o mapa da humanidade”, destacou Diogo.

Foto: Lu Shaideck/Divulgação



Segundo o curador e parceiro do evento, José Manuel Diogo, presidente da APBra, a nova edição mostra como as palavras podem ser instrumentos de libertação simbólica e de reescrita do mundo. “A literatura, aqui, é a ferramenta com que se redesenha o mapa da humanidade”

“Quando a gente fala em cidadania, vozes ancestrais, território, democracia, leitura e cultura, a gente está ampliando e diversificando a abordagem”, disse a diretora presidente da EPC, Naná Garcez, sobre um dos propósitos na temática do segundo FliParaíba

Foto: Evandro Pereira



Secretarias e órgãos do Governo da Paraíba se mobilizam para a realização do festival, cujos preparativos iniciaram com meses de antecedência. As instituições engajadas são a

Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB), a Fundação Espaço Cultural (Funesc) e a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), tendo a APBra como parceira. A Secretaria de Comunicação Institucional (Secom-PB) também atua em ações como a divulgação do evento.

A diretora presidente da EPC, a jornalista Naná Garcez, comentou um dos propósitos contidos no tema da edição 2025. “Quando a gente fala em cidadania, vozes ancestrais, território, democracia, leitura e cultura, a gente está ampliando e diversificando a abordagem”.

Para além do festival, Naná destacou que alguns municípios paraibanos, onde há descendentes de indígenas, as escolas incluem no cronograma de aulas o ensino do tupi no processo de alfabetização de crianças, dentro de um sistema bilíngue de aprendizado. A iniciativa é vista, por exemplo, em aldeias potiguaras do município da Baía da Traição. Esse

parêntese ressaltado por Garcez enfoca a necessidade de respeitar e contribuir com o fortalecimento da identidade dos povos originários. “Essa realidade demonstra que precisamos ter uma visão mais ampla do universo da leitura, do universo da cultura e da literatura de um modo geral. Vemos hoje no país que, dentro de um processo, há a abertura de espaços para os povos indígenas com a regularização de suas terras, o acesso às universidades e à política”, completou Naná Garcez.

Novos horizontes

Reunir comunidades que falam a mesma língua também agrega valor ao evento. De acordo com o secretário Pedro Santos, porém, ao mesmo tempo em que a língua aproxima e cria o sentimento de pertencimento entre as pessoas, o idioma não pode ser um fator limitador. Isso porque, se por um lado, o olhar para universos diferentes é desafiador, ele pode ampliar horizontes. “Então, embora a gente celebre a língua como um elemento comum de diversas culturas, a gente também não pode correr o risco de se limitar a ela. Precisamos ter essa capacidade de se integrar no mundo cada vez mais interconectado”, declarou o secretário.

Dessa forma, os debates literários do FliParaíba, que nesta edição — assim como em 2024 — giram em torno da comunidade lusófona, devem abranger outros países nos próximos anos. Segundo Pedro Santos, a ideia é que, no futuro, o evento traga representantes

de outros territórios, como os da América Latina, fortalecendo a Paraíba nesse cenário internacional da literatura.

Enquanto os planos para a multiplicidade de nações não se concretizam, o secretário da Secult-PB frisou que o Centro Cultural São Francisco, na capital, irá acolher na edição deste ano autores de países como o Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e trará diferenciais. “Posso dizer que o FilipParaíba traz, em 2025, uma perspectiva de evento completamente diferente do que foi a primeira edição. Preservamos o mesmo ambiente, o Centro Cultural São Francisco, mantemos essa interação dentro dos países da comunidade de língua portuguesa, mas trabalhamos uma participação mais forte de autores paraibanos e paraibanos”, contou Pedro, acrescentando que os temas das mesas estão bastante diversificados.



Foto: Leonardo Ariel

Para o secretário de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB), Pedro Santos, a noção de decolonialismo deve ser praticada nas ações do cotidiano, com atitudes que impactem na vida das pessoas

Artistas e literários aprofundam debate

O FliParaíba, que será realizado gratuitamente nos dias 27, 28 e 29 de, no Centro Cultural São Francisco, na capital paraibana, contará com 10 mesas de debates: *A língua como território de cidadania; Vozes ancestrais; Mulheres que fundam mundos; Ai se sêsse; Jornalismo, cultura e democracia; Territórios literários em trânsito; O corpo político da língua; Literatura em travessia; A rua é nós; Leitura, edição e democracia.*

Cada mesa apresenta literários e artistas familiarizados com os assuntos em pauta, com expertises para aprofundar os temas e provocar reflexões nos participantes. Dentro de um contexto plural, as discussões abordam questões como a importância da democracia na comunicação social, o legado dos povos originários, tradicionais, a arte de rua e as potencialidades feminina no campo cultural. O visitante ainda poderá apreciar painéis de poesias, oficinas de cordel e xilogravura, contação de histórias infantis, feiras de livros, teatro de bonecos, saraus, vernissages e expressivas apresentações culturais.

“Tudo foi pensado de forma conjunta e com muito cuidado, fizemos uma curadoria tríplice juntamente com a Secult e a Associação Portugal Brasil. Construímos uma participação nas mesas bastante plural e o público vai perceber isso. A participação das mulheres será

maior do que na primeira edição, estamos focando na programação infantojuvenil, já que no ano passado, por ser a primeira experiência do festival, não olhamos como deveríamos para esse segmento. Mas, estamos aprimorando este ano, sem falar nos shows musicais”, completou Pedro Santos.

Ao comentar sobre os temas apresentados nas mesas de debates, ele frisou que todas são relevantes, porém destacou algumas como a *Ai se sêsse*, uma espécie de contraponto à norma tida como culta. Segundo o secretário, essa abordagem mostra a ideia de que a língua não pode ser uma prisão, uma vez que há no Brasil várias formas de comunicação e expressão. Assim, o respeito deve anteceder à norma. Ele ainda comentou que essa proposta traz, de certa forma, uma subversão da normativa da língua, provocando debates sobre como está o Nordeste neste contexto.

A rua é nós também foi destacada pelo secretário Pedro Santos pelo fato de trabalhar a perspectiva das culturas urba-

nas e periféricas. “Então, a gente vai ter o MC Marechal [do Rio de Janeiro], que é uma pessoa que tem um trabalho muito forte nessa questão social a partir do *rap*, de promoção do conhecimento. Ainda teremos Filosofo, que é um grande artista aqui da Paraíba, e vamos contar também com a artista pessoense Kalyne Lima, que é a presidenta da Central Única das Favelas”, enfocou.

Atrações musicais e literárias

Nas atrações musicais, também gratuitas, o festival trará nomes como Maria Gadú e a Camerata Parahyba, Lukete, Joyce Alane e Mariana Aydar. A diretora presidente da EPC, Naná Garcez, enfatizou as novidades da programação deste FliParaíba. De acordo com ela, ao invés de uma exposição de fotografia, como ocorreu no ano passado, o evento disponibilizará ao público um painel de poesias de variados estilos. Já a feira de livros, com obras para vários perfis de consumidores, terá um

Nos seus três dias de realização, o FliParaíba 2025 contará com vários autores vindos de mais de 10 países, além de 10 mesas com os mais diversos debates sobre o tema do evento e shows musicais

espaço reservado para os lançamentos, facilitando a apreciação do público.

Destaque entre os escritores convidados, o baiano Itamar Vieira Junior é autor do romance *Torto Arado*, vencedor dos prêmios Jabuti e Oceanos, ambos em 2020.

Fenômeno editorial e uma das vozes mais relevantes da literatura brasileira con-



Nas atrações musicais gratuitas deste ano, o festival trará nomes como Maria Gadú (foto acima) e a Camerata Parahyba, Lukete, Joyce Alane e Mariana Aydar



temporânea, recentemente ele lançou *Coração sem Medo*, que encerra a trilogia iniciada pelo seu livro mais famoso e continuada em *Salvar o Fogo*, publicado em 2023.

Um dos propósitos do evento é fazer com que o visitante conheça, pessoalmente, alguns autores que circularão pelo festival. “Quando você coloca lançamentos no evento, o público não está só comprando um livro, mas também conhecendo o autor pessoalmente. Isso faz muita diferença, tanto para quem escreve como para quem adquire a obra. Esse diálogo é muito importante”, enfocou Naná.

O aperfeiçoamento do festival é uma constante, uma vez que a intenção dos organizadores é promover o máximo de interação e intercâmbio de conhecimentos. Com tanto empenho dos organizadores e novidades

trazidas na versão 2025, os anseios para este ano não poderiam ser melhores. “A expectativa é luminosa. Esperamos um público numeroso e diverso, autores vindos de mais de 10 países e uma atmosfera de descoberta que só a literatura é capaz de criar. O FliParaíba quer ser não apenas um festival de livros, mas uma celebração da inteligência e da emoção humana. João Pessoa — este meridiano de encontros — será, por alguns dias, o centro simbólico da língua portuguesa no mundo”, salientou José Manuel Diogo, parceiro do evento e presidente da APBra.

Fenômeno editorial, uma das vozes mais relevantes da literatura brasileira contemporânea e autor de obras como ‘Torto Arado’, o escritor baiano Itamar Vieira Junior é um dos convidados da segunda edição do festival

Localização geográfica favorece a Paraíba

Quando a ideia do festival surgiu, por meio de um diálogo entre o governador da Paraíba, João Azevêdo, e José Manuel Diogo, presidente da APBra, não demorou para o projeto ser posto em prática. Nesse processo, a localização geográfica da Paraíba foi importante para sediar o evento. Segundo José Manuel, o propósito era fazer da cultura uma política

p ú -
blica
e da lín-
gua por-
tuguesa,
um território
comum. Tudo
fluiu dentro de
uma visão de que
João Pessoa, lugar
mais próximo da Eu-
ropa, fosse o ponto de
encontro entre o Velho e
o Novo Mundo.

“A Paraíba é o extremo
oriental das Américas — o lu-
gar mais próximo da Europa
e, simbolicamente, o primeiro
território a receber a luz do
dia no continente. Essa con-
dição geográfica é também
uma condição cultural: João
Pessoa é um porto de chega-

da e de partida, onde
o velho conhecido e o
velho desconhecido en-
contram um novo conhe-
cimento. O meridiano que
passa por João Pessoa é uma
linha imaginária de união en-
tre mundos e tempos — uma
espécie de corda de luz que
liga a tradição à modernida-
de, o Norte ao Sul, o Atlânti-
co às suas margens”, explicou
José Manuel Diogo. Segundo
ele, o FliParaíba, ao nascer
nesse ponto, faz da geografia
um gesto poético e da poesia,
um instrumento de reaprox-
imação dos povos.

Para a diretora presidente
da EPC, Naná Garcez, o festi-
val fortalece a literatura e a cul-
tura paraibana. O fato de o es-
tado sediar o evento contribui
para a concretização desse pro-
pósito, uma vez que as pessoas
de outros estados e até outros
países são atraídas para o fes-
tival. “Da mesma forma, isso
gera relacionamento entre as
editoras e os escritores locais e
nacionais. Então, tudo isso faz
com que a literatura e a cultura
paraibana ganhem mais espa-
ço”, declarou a gestora.

Diversidade em foco

Ao comentar sobre o inter-
câmbio de conhecimento, José
Manuel Diogo afirmou que o
FliParaíba devolve o centro às
margens e faz das vozes his-
toricamente invisibilizadas o
coração do festival. Ele desta-
cou que os povos indígenas,
ciganos e afrodescendentes
não participam do projeto
como convidados, mas como
protagonistas de uma nova
narrativa coletiva. “A progra-
mação inclui rodas de con-
versa, performances, oficinas
e lançamentos que colocam
a diversidade como eixo es-
truturante. Porque só há ver-
dadeira democracia cultural

quando a diferença é escutada
e valorizada. O festival não
fala *sobre* essas comunidades;
ele fala *com* elas”.

Da mesma forma que a Pa-
raíba se alimenta da eferves-
cência cultural do evento, as
comunidades lusófonas tam-
bém enriquecem ainda mais
seus saberes pois, de acordo
com José Manuel, o FliParaí-
ba é um dos pilares da cons-
trução de uma consciência
lusófona contemporânea. O
projeto, conforme Diogo, arti-
cula vozes que se falam entre
continentes, mostrando que
a língua portuguesa é mais
do que um idioma — é uma
geografia emocional e inte-
lectual que se expande por
mares e séculos.

“Num tempo em que as
fronteiras se tornam novamen-
te rígidas, o festival afirma a
palavra como ponte e resis-
tência. O seu sucesso inter-
nacional e a ampla exposição
midiática — com cobertura da
imprensa nacional e estrangei-
ra — confirmam que há uma
sede global por esse diálogo
entre o velho e o novo, entre o
Brasil e Portugal, entre a Áfri-
ca e as Américas”.

Discurso democrático posto à mesa

Diante do propósito de de-
mocratizar o debate e dar voz
a grupos culturais silenciados
por poderes hegemônicos,
o FliParaíba traz a público a
mesa *Vozes Ancestrais: os que
vieram antes, os que ainda fal-
tam*. Uma das participantes
é a indígena Eva Potiguara,
escritora, poeta e ilustradora
do Rio Grande do Norte. Em
entrevista ao *Correio das Artes*,

No evento
internacional,
povos indígenas,
ciganos e
afrodescendentes
não participam
do projeto como
convidados, mas
como protagonistas
de uma nova
narrativa coletiva

Eva afirmou que os povos originários foram, historicamente, discriminados por visões ocidentais incluídas dentro de um paradigma patriarcal de dominação, de monopólio, colonização e escravização.

A mesa ainda conta com a presença da professora de origem cigana, Marcilânia Alcântara, do município de Sousa; da Mestra Doci, idealizadora da Escola Viva Olho do Tempo, em João Pessoa; e de Vanessa Brandão, escritora e pesquisadora de Manaus, que atuará como mediadora. De

acordo com Eva Potiguara, os primeiros habitantes do Brasil, no percurso de todo o processo histórico, sempre foram considerados inferiores ante a cultura ocidental, cuja tradição foi a de dominação e a da prática da violência. “Violência de usurpar corpos e territórios. Aqui foi usurpada a terra pindorama chamada Brasil”, completou a indígena.

As comunidades tradicionais, como quilombolas e ciganas, também estão na pauta das discussões. Segundo a poeta potiguar, a eles também foi

negada uma gama de direitos, assim como ocorreu com os negros e os indígenas, escravizados e condenados a trabalhos forçados, além de terem sido desrespeitados sob vários aspectos. Dentro deste contexto, perduram os debates sobre a luta por direitos que envolvem as desigualdades racial, social e econômica, bem como um tema bastante atual no país: o desequilíbrio ambiental.

“As nossas terras foram tomadas, nossas florestas desmatadas, nossos ancestrais sofreram na luta pela terra e

Para o debate, a mesa ‘Vozes Ancestrais: os que vieram antes, os que ainda faltam’ receberá nomes como a escritora, poeta e ilustradora do Rio Grande do Norte, Eva Potiguara



ainda hoje sofremos para poder manter a nossa dignidade, porque, sem a terra, não temos vida. A terra é nossa mãe. Então, acredito que esse será um dos debates do evento. Destaco aqui o povo potiguara, que também veio da Paraíba e está no Rio Grande do Norte. Somos esse povo, um povo que luta de forma constante”, salientou.

Para ela, o festival promove o diálogo entre a diversidade social, o livro e a leitura. Outro fator relevante é que as narrativas que são compartilhadas no evento podem gerar reflexões críticas e, ao mesmo tempo, despertar novos saberes e olhares. Eva Potiguara destacou que ainda se vive uma cultura racista, que determina a pauta do que é mais importante em detrimento de outros saberes e de povos diferentes.

“A literatura — destacando aqui a indígena e a negra —, as escrevivências dos povos ciganos e de todos os povos considerados minorias, podem criar oportunidade de quebrar paradigmas. Acredito que o FliParaíba pode evocar as narrativas que foram silenciadas e apagadas pelos interesses coloniais, capitalistas e racistas. Precisamos falar daquilo que ninguém ainda ouviu, falar daquilo que muitas vezes incomoda”, analisou escritora e poeta.

A esperança, para ela, é que o público que comparecer ao festival tenha a oportunidade “de criar novos olhares, pois uma população cresce quando há interações sociais sem manipulações, dentro de uma interculturalidade, de uma diversidade étnica e racial, que também transcenda a visão machista e homofóbica que ainda predominam na sociedade”.

Mulheres edificam a cultura de um povo

A mesa *Mulheres que fundam mundos: o mundo nasce do corpo* é constituída apenas por profissionais do universo feminino. No grupo, estão as escritoras Andréa Nunes, da Paraíba, Inês Pedrosa, de Coimbra, Odete Semedo, de Guiné-Bissau, e Marília Arnaud, também paraibana. Segundo Andréa Nunes, que também integra a Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap), a força do feminino emerge no estado não apenas como guardiã de tradições e saberes, mas, sobretudo, como elemento de transformação, coragem e resistência.

Nesse sentido, desde a mulher cangaceira, guerreira,

ra, benzedeira, feiticeira ou poeta, esse segmento está não apenas forjando o alicerce, mas a própria edificação do fazer cultural do povo. “Essa mesa é para lembrar, conectar e recontar a história de tantas mulheres que vêm fazendo nossa História. Gosto de pensar também que quando se juntam mulheres de várias partes do mundo — como eu, Odete, Inês e Marília — para dividir palavra e escuta, podemos ser parte, ou ser parto, de um futuro mais inclusivo”.

Para a escritora, “o território sagrado de um festival que une diferentes culturas, artes, tradições e povos vem mostrar que, nessa terra, existe expertise para unir e sobrepor belezas e artes por meio de mãos talentosas. Afinal, mulheres do polo do Cariri há tempos confeccionam peças de artesanato que mostram ao mundo a delicada arte da tessitura, produzindo beleza e harmonia onde antes só havia emaranhados”.

Marília Arnaud: “Ao reunir escritores de diversos países lusófonos, o FliParaíba reinventa a língua portuguesa, descentralizando-a, descolonizando-a, tornando-a o que ela é de fato, miscigenada, plural, maior!”



Foto: Amanda Rocha/Divulgação

Foto: Arquivo pessoal



Mesa 'Mulheres que fundam mundos: o mundo nasce do corpo' é constituída pelas escritoras Andréa Nunes (ao lado), da Paraíba, Inês Pedrosa (abaixo, à esq.), de Coimbra, e Odete Semedo (abaixo, à dir.), de Guiné-Bissau

Ao fazer uma analogia entre o tema geral do FliParaíba e a habilidade manual das caririenses, Andréa Nunes ressaltou que o evento vem promover uma reunião única dessa diversidade de povos, culturas, ancestralidades e tradições, tramando o global e o local no mesmo ponto, numa harmônica tessitura artística. "Com tanta diversidade de talentos, escolhidos com cuidado e propósito por uma maravilhosa curadoria, arrisco dizer que ali se bordará um outro tipo de renascença: talvez, uma nova renascença cultural".

De acordo com ela, é profundamente simbólico e importante que autoras e artistas femininas — cujo apagamento histórico se sentiu na literatura, tanto como em outros setores do conhecimento humano — possa ser destacada no FliParaíba. Tal oportunidade pode ser um divisor de águas e a

chance que faltava para muitas mulheres poderem mostrar seus talentos, uma vez que "não há tanto espaço para começar, tampouco para se fazer conhecida no meio artístico e literário. Nunca esperei menos do que isso, da Terra onde a luz nasce primeiro", comentou Andréa Nunes.

A premiada escritora Marília Arnaud, responsável pela mediação da mesa, ressaltou que as componentes do debate são "mulheres artistas, criadoras, pensadoras e fundadoras de mundos. Isso porque todas elas são



Foto: Rafaela Martins/Catarinas

pessoas que erguem territórios com a argamassa da palavra poética e política, vozes que resistem e libertam ao bradar o que foi calado durante séculos".

"Ao reunir escritores de diversos países lusófonos, o FliParaíba reinventa a língua portuguesa, descentralizando-a, descolonizando-a, tornando-a o que ela é de fato, miscigenada, plural, maior!", declarou Marília Arnaud, que é contista e romancista nascida em Campina Grande, laureada com vários reconhecimentos, entre eles o Prêmio Kindle de Literatura, na sua 5ª edição, pela publicação da obra *O pássaro secreto*.

Universalidade do saber

O escritor e diplomata paraibano Ernest Mané Jr., bem como os também escritores Germano Almeida, de Cabo Verde, e o paraibano Sérgio Botelho, compõem a mesa *Territórios literários em trânsito: escritas em movimento*. O grupo tem como mediador o integrante da Academia Paraibana de Letras (APL), escritor e jornalista Helder Moura, de Campina Grande.

Helder contou que entende a abordagem dos “territórios literários em trânsito” como um conceito que trata a literatura a partir da ideia de movimento e fluência, num contraponto a expressões literárias estáticas, inclusive do ponto de vista territorial. “Neste sentido, o contexto proposto é que o autor expresse as suas narrativas e as suas ideias, sem respeito a fronteiras geográficas e culturais. O próprio autor é visto como um sujeito nômade, dentro de uma holística de universalidade”, comentou Helder Moura.

O debate trata, portanto, de um ponto de vista que questiona a ideia de “literatura nacional” como única forma de classificação e busca inscrever as obras em espaços plurais, com respeito a contribuições estrangeiras ou múltiplas manifestações culturais. Em síntese, adota uma perspectiva literária que prioriza a mobilidade, a diversidade e os espaços dinâmicos, especialmente sensíveis à criação.

Dentro de um olhar mais amplo, Helder Moura acrescentou que o FliParaíba vem preencher um vazio de eventos literários de grande porte, como o antigo Festival Nacio-

nal de Arte (Fenarte), com a sua proposta de agregar, num mesmo ambiente, variadas manifestações culturais. O evento tem, para ele, a relevante “perspectiva de resgatar as tradições de diferentes povos, um imperativo da modernidade bem compreendido por seus organizadores”.

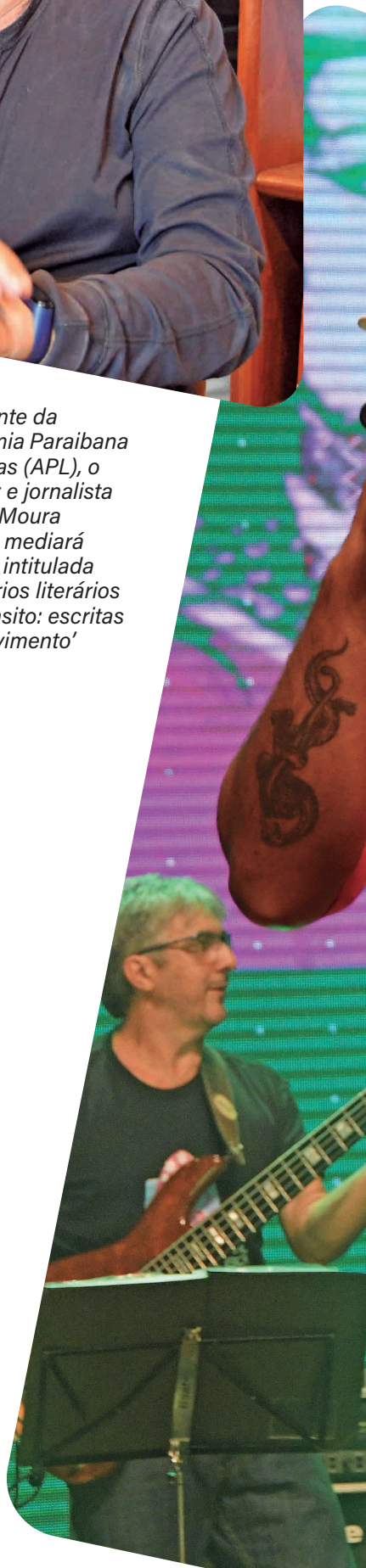
Para o imortal paraibano, se em 2024 o FliParaíba “já trouxe essa contingência de veredas abertas para um evento de roupagem e concepção diversa do comum, para este ano, inclusive, com a experiência da primeira edição, a expectativa é das melhores”.

Ao lado de Filosofino, presidente nacional da Central Única das Favelas (Cufa), Kalyne Lima, e o MC Marechal (RJ) vão debater na mesa “A rua é nós: poética da insurgência cotidiana”

Integrante da Academia Paraibana de Letras (APL), o escritor e jornalista Helder Moura (acima) mediará a mesa intitulada ‘Territórios literários em trânsito: escritas em movimento’



Fotos: Edson Matos/Aquivo A União



Vozes da invisibilidade

Um dos vencedores do Festival de Música da Paraíba, Filosofino (abaixo) acredita que o evento contribui para a desmarginalização do segmento artístico periférico



Gestual expressivo, rebeldia, poética, musicalidade e crítica social. Esses são alguns elementos dos autores da arte que emana do povo e que será a tônica da mesa intitulada *A rua é nós:*

poética da insurgência cotidiana. “A

arte, que é produzida na rua e na periferia, é acessível, carrega a linguagem e se comunica com as massas, gera a identificação e a capacidade da expressão da rua”, analisou o *rapper* Filosofino, que foi o grande vencedor do 7º Festival de Música da Paraíba (FMPB) e é um dos integrantes da mesa.

O músico e compositor paraibano considera a abertura que o evento internacional concede à literatura periférica “um passo mais que preciso” e ele acredita que a iniciativa contribui para a desmarginalização do segmento artístico, uma vez que, por mais que as barreiras já tenham sido quebradas, essa forma de

expressão ainda é discriminada nos dias de hoje.

Ainda segundo Filosofino, o fato de o evento reunir vieses artísticos de diferentes matizes, advindos de uma gama eclética de autores, promove a conciliação entre tipos de artes inseridas em contextos e origens distintas e isso chama-se democratização. O diálogo se dá não apenas entre os pares de uma mesma confraria, mas entre criadores de tribos, grupos, gerações distintas.

“É interessante poder unir, dentro de um propósito, a poesia falada do *slam* e do *rap*, por exemplo, com a literatura erudita, com o cordel ou tradições orais e escritas de povos afrodiáspóricos e indígenas. O Brasil é um país multicultural e limitar a nossa literatura ao modelo colonial e à herança europeia é esquecer as nossas origens e apagar a nossa história”, frisou o *rapper* paraibano.

Juntam-se ao mesmo debate a jornalista paraibana e presidente nacional da Central Única das Favelas (Cufa), Kalyne Lima; e o MC Marechal, do Rio de Janeiro, um dos pioneiros do *hip hop underground* brasileiro. A mediação será feita pelo escritor e antropólogo Phelipe Caldas, que entre as produções publicadas está o livro *O menino que queria jogar futebol: uma história de fé e superação*, obra que inspirou a criação do filme *Inexplicável*.

Para Caldas, *A rua é nós* busca discutir a via pública como um espaço em disputa, em que diferentes atores sociais reivindicam o direito de ocupá-la. “Não raro pensada para ser mera via de circulação e de passagem, ela é ocupada, transformada em lugar de afetos e de memórias, resignificada como territórios para diferentes coletividades”.



FESTIVAL LITERÁRIO
INTERNACIONAL DA PARAÍBA



Foto: Edson Matos/Aquivo A União

Entre os reivindicadores da ocupação estão a cultura, a arte, o esporte e uma série de expressões advindas das periferias. “Diferentes formas de disputas por um direito à cidade que torna a cidade tão dinâmica. É sobre tudo isso que pretende falar a mesa”, completou Felipe Caldas.

Assim como refletiu Filosofino, o escritor e mediador ressaltou que é preciso dar visibilidade a coletividades que, em regra, são sempre tão invisibilizadas e criminalizadas, pois tratam-se de expressões artísticas que têm o que falar e querem ser ouvidas, protagonistas de suas próprias

*Escritor e antropólogo
Felipe Caldas aponta
que é preciso dar
visibilidade a coletividades
que, em regra, são sempre
tão invisibilizadas e
criminalizadas*

lutas e histórias, sem que as pessoas digam onde e como elas podem e devem atuar.

Mesmo ciente de que a arte periférica existe, independentemente da visibilidade que lhe é conferida, Felipe Caldas lembrou que os eventos que se propõem a valorizar esse segmento artístico quebram preconceitos, permitindo que novos espaços convivam com o que muitas vezes é visto como “diferente”. “Permite uma maior circulação daquilo que, no cotidiano, fica restrito a espaços muito delimitados da cidade”.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora e redatora do Jornal **A União** e repórter do ‘Correio das Artes’. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Por meio do QR Code
abaixo, acesse o perfil
oficial do FliParaíba
no Instagram e
acompanhe as
atualizações da
programação



PROGRAMAÇÃO 2025

QUINTA-FEIRA (27/11)		
PAVILHÃO LITERÁRIO PRAÇA SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
16h	Abertura da feira de livros	Várias editoras, autores e autoras
PALCO DO CONHECIMENTO PRAÇA SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
16h	Coco Quilombola	Coletivo Cultural Caiana dos Crioulos Alagoa Grande-PB
17h	Toré Indígena	Toré Tabajara Conde-PB
ÁREA EXPOSITIVA CLAUSTRO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
18h	Sarau Cigano	Grupo Dirachin Calin Sousa-PB
18h30	Vernissage da exposição "Versos Parahybridos"	
ESPAÇO DE DEBATES NAVE CENTRAL		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
20h	Cerimônia de Abertura	
21h	Concerto de Abertura	Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste João Pessoa-PB

SEXTA-FEIRA (28/11)		
PAVILHÃO LITERÁRIO PRAÇA SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
9h	Feira de livros	
9h-19h	Lançamentos literários	Vários autores e autoras
ÁREA EXPOSITIVA CLAUSTRO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
9h	Exposição "Versos Parahybridos"	
ESPAÇO FORMATIVO DE PROFUNDIS		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
9h	Oficina de Cordel	Anne Karolyne Campina Grande-PB
14h	Oficina de Xilogravura	Josafá de Orós Campina Grande-PB
ESPAÇO DE DEBATES NAVE CENTRAL		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
10h	Mesa 1 A língua como território de cidadania — a língua que nos (re) inventa	1. Aline Cardoso João Pessoa-PB 2. José Manuel Diogo Coimbra-Portugal 3. Bernardina Freire Aroeiras-PB Mediação: William Costa Campina Grande-PB
	Mesa 2 Vozes ancestrais — os que vieram antes, os que ainda falam	1. Eva Potiguara - Baía Formosa-RN 2. Marcilânia Alcântara Sousa-PB 3. Mestra Doci João Pessoa-PB Mediação: Vanessa Brandão Manaus-AM
15h	Mesa 3 Mulheres que fundam mundos — o mundo nasce do corpo	1. Andréa Nunes João Pessoa-PB 2. Inês Pedrosa Coimbra-Portugal 3. Odete Semedo Bissau-Guiné-Bissau Mediação: Marília Arnaud Campina Grande-PB
16h30	Mesa 4 Ai se sêsse — a palavra dançando no ouvido	1. Braulio Tavares Campina Grande-PB 2. Itamar Vieira Júnior Salvador-BA 3. Iza Mara Poetiza São José do Egito-PE Mediação: Efigênio Moura Monteiro-PB
18h	Mesa 5 Jornalismo, cultura e democracia — a notícia como matéria sensível da democracia	1. Amanda Lima Cascavel-PR 2. Fernando Mattar São Paulo-SP 3. Joana Belarmino João Pessoa-PB 4. Jorge Panzera Belém-PA Mediação: Sílvio Osias João Pessoa-PB
PALCO DO CONHECIMENTO PRAÇA SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
19h	Batalha do Conhecimento	
PALCO PRINCIPAL ADRO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
20h	Toré Indígena	Toré dos Anciãos Baía da Traição-PB
21h	Show de Lukete	
22h	Show de Maria Gadú e Camerata Parahyba	

SÁBADO (29/11)		
PAVILHÃO LITERÁRIO PRAÇA SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
9h	Feira de livros	
9h-19h	Lançamentos literários	Vários autores e autoras
ÁREA EXPOSITIVA CLAUSTRO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
9h	Exposição "Letras Parahybridas"	
ESPAÇO DE DEBATES NAVE CENTRAL		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
10h	Mesa 6 Territórios literários em trânsito — escritas em movimento	1. Ernesto Mané Jr. João Pessoa-PB 2. Germano Almeida Boa Vista-Cabo Verde 3. Sérgio Botelho João Pessoa-PB Mediação: Helder Moura Campina Grande-PB
11h30	Mesa 7 O corpo político da língua — quando a língua é fronteira e trincheira	1. Alberto Santos Penafiel-Portugal 2. Ana Adelaide Tavares João Pessoa-PB 3. Hildeberto Barbosa Filho Aroeiras-PB Mediação: Sandra Raquew Azevedo Patos-PB
15h	Mesa 8 Literatura em travessia — escrever em várias margens	1. Afonso Cruz Figueira da Foz-Portugal 2. Calila das Mercês Conceição do Jacuípe-BA 3. Edney Silvestre Rio de Janeiro-RJ Mediação: Cyelle Carmen João Pessoa-PB
16h30	Mesa 9 A rua é nós — poética da insurgência cotidiana	1. Filosofino João Pessoa-PB 2. Kalyne Lima João Pessoa-PB 3. MC Marechal Niterói-RJ Mediação: Phelipe Caldas João Pessoa-PB
18h	Mesa 10 Leitura, edição e democracia — quem decide o que chega ao leitor?	1. Jezio Guitierre São Paulo-SP 2. Magno Nicolau João Pessoa-PB 3. Rafael Chervenski Brasília-DF Mediação: Alexandre Macedo João Pessoa-PB
ESPAÇO FORMATIVO DE PROFUNDIS		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
9h	Oficina de Cordel	Anne Karolyne Campina Grande-PB
14h	Oficina de Xilogravura	Josafá de Orós Campina Grande-PB
ESPAÇO CURUMIM IGREJA DE SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
10h	Contação de História — Toré Ka'a rerekoaretá	Aldeia Brejinho Marcação-PB
11h	Contação de História — Dom Ramon e seu violão: o toco e a mãe da lua	Marcilânia Alcântara Sousa-PB
15h	Contação de História — Encantados Potiguara	Eva Potiguara Baía Formosa-RN
16h	Contação de História — Quilombola	Navla de Rita de Chicó Alagoa Grande-PB
17h	Teatro de Bonecos — Tem boi no algodão	Companhia Boca de Cena João Pessoa-PB
PALCO DO CONHECIMENTO PRAÇA SÃO FRANCISCO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
19h	Batalha do Conhecimento	
PALCO PRINCIPAL ADRO		
HORÁRIO	ATIVIDADE	CONVIDADOS
20h	Toré Indígena	Toré dos Caciques Potiguaras e Tabajaras Paraíba
21h	Show de Joyce Alane	
22h	Show de Mariana Aydar	

N. do E. — Por conta da antecedência do fechamento desta edição, a programação pode estar sujeita a alterações e acréscimos até o dia de sua abertura; por isso, acompanhe as atualizações no perfil oficial no Instagram (@fliparaibaoficial)



Decolonização

Sérgio de Castro Pinto*

Especial para o *Correio das Artes*

Ontem, mais do que hoje, existia um preconceito arraigado, quer dos poetas eruditos, quer da crítica, com relação à literatura de cordel. Tanto que, nas antologias da poesia brasileira, simplesmente não figuravam os poetas populares.

Quando Ferreira Gullar, superada a sua fase experimental, incorporou alguns recursos estilísticos do cordel à sua poesia, ele procurava difundir o seu engajamento político através de uma linguagem acessível, destinada a um público alheio à poesia

que alguns convencionaram chamar de erudita.

Com esse comportamento, houve quem o acoimasse de proselitista e de demagogo, certamente aqueles que apostavam todas as fichas na poesia experimental junto aos que discordavam de suas po-



Foto: Fábio Motta/Estação Conteúdo

Após fase experimental, Ferreira Gullar (1930–2016), integrou recursos estilísticos do cordel à sua poesia

sições ideológicas. No entanto, Ferreira Gullar mais reforça a função política de sua poesia quando estabelece um diálogo com o cordel, “(...) que dá voz e visibilidade aos atores subalternizados e oprimidos da nossa história, participando do processo de decolonialidade”, segundo o professor Francisco Cláudio Alves Marques, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos.

De acordo ainda com o professor Alves Marques, “a despeito de os folhetos nordestinos emprestarem determinados arquétipos da tradição literária europeia, as regras de composição entre nós passaram por transformações significativas em contato com as diversas dicções do Nordeste”. Em outras palavras, no solo nordestino o cordel foi ressignificado, passou por uma espécie de deglutição antropofágica pelos poetas que o adotaram para fazer frente às teorias etnocêntricas.

Ferreira Gullar, até então um poeta erudito, pôs em prática algumas das características da Decolonização Interna, a exemplo da Interculturalidade, que consiste em valorizar “o diálogo e a interação entre diferentes culturas e grupos étnicos”, no que se opõe ao multiculturalismo, concentrado apenas na presença de culturas distintas, sem necessariamente promover a interação entre elas.

Se me permitem falar sobre a minha poesia, ela mesma foi objeto do etnocentrismo de um professor norte-americano, Jon M. Tolman, da Universidade do Texas, que julgou o meu poema *camões/lampião*, a partir de uma visão que somente concebe a cultura do outro baseado nas suas próprias crenças, moral, leis, costumes, idiossincrasias, hábitos, convicções etc.

Antes, porém, de ler o poema em que eu procuro estabelecer um cotejo entre Camões e Lampião a partir do olho cego de ambos, convém que eu transcreva parte da correspondência que me foi enviada pelo citado professor: “(...) sobre o poema *camões/lampião* tenho uma reação, por ridícula que pareça, de incongruência moral, já que tratá-los juntos implica certa igualdade. E essa dúvida interfere com a minha apreciação do poema como fato linguístico”.

Mas, o etnocentrismo de Tolman não se restringiu apenas ao poema *camões/lampião*, mas a outros poemas: “(...) em ‘analogia e antagonismo’, outra vez não vejo dimensão, digamos, ontológica, no poema. Em ‘ode à borracha’, por que arquitetura de nuvem? Não sei outra vez se minha reação vem da desproporção metafórica: um objeto passivo aqui ganha um tratamento muito sério, quase trágico, que não entendo. Por que um olho que come? ...”.

Muito antes do professor Jon M. Tolman tecer considerações sobre a minha poesia, o também professor e crítico, Temístocles Linhares, que lecionou na Universidade de Coimbra, no livro *Diálogos sobre a poesia brasileira* (Edições Melhoramentos/Ministério da Educação, 1976), já vaticinava a respeito da reação que podia suscitar o poema *camões/lampião* junto ao conservadorismo de alguns críticos e leitores: “(...) O gosto dos paralelos insólitos é que leva o nosso autor a aproximar Camões de Lampião.

Como se sabe, eles tinham em comum um olho cego, simples pretexto para que ambos estivessem bem próximos um do outro. Haveria maior ofensa aos brios camonianos de tanta gente de cá e d’além-

-mar? O Sr. Sérgio de Castro Pinto, porém, não se atemoriza em descobrir a coexistência do que parecia oposto, reconhecendo, sem nenhum orgulho intelectualístico, a existência de um princípio de multiplicidade em todos seres”.

Pelo que eu saiba, *camões/lampião* não foi mal recebido por gente d’além-mar, pois chegou, inclusive, a ser publicado na revista semestral *Palavra em Mutação* (novembro 2001/abril 2002), dirigida pelo poeta António Teixeira e Castro e editada por Catarina Bernardes e Gonçalo Soares Leite. De Joaquim Montezuma de Carvalho, que colaborava nessa revista, recebi um convite, logo aceito, para escrever um poema sobre Eugênio de Andrade, poema que foi publicado no mês de maio de 2002, no jornal *Primeiro de Janeiro*.

São esses os laços afetivos que mantenho com Portugal, afora os que procuro estreitar através de poemas em que homenageio Fernando Pessoa, Camões, Eugênio de Andrade e à própria terra portuguesa, como o fiz no poema *bagagem*, datado de 2019:

de Portugal
trouxe
a minh’alma
azulejada

as eiras e beiras
dos telhados
das casas portuguesas
com certeza

trouxe o tejo nas veias

e nos olhos
um tanto de sal
das lágrimas
do teu mar
ó Portugal.

Ou seja, são tributos que eu presto à linguagem e à paisagem portuguesas, procurando, também, converter essa última em linguagem.

Mas, já é tempo de ler o poema *camões/lampião*:

*camões ao habitar-se
no olho cego
sentia-se íntimo,
mais interno,
que o habitar-se
no olho aberto.*

*lampião ao habitar-se
nos dois olhos
a eles dividia:
o olho aberto matava
e o outro se arrependia.*

*camões ao habitar-se
no olho cego
polia as palavras
e usava-as absorto
como se apalpassse
e possuísse o próprio corpo.*

*lampião ao habitar-se
no olho cego
chorava os mortos
do seu interno,
mas o olho aberto
era casto
e via no matar
um gesto beato.*

*camões ao habitar-se
no olho aberto
via-se todo ao inverso
(pelo lado de fora)
mas rápido se devolvia
e fechava o olho aberto
pra ser total a miopia.*

*lampião ao habitar-se
no olho murcho
via o olho aberto
estrábico e rústico
e compreendia
o olho aberto
mais murcho
que o olho cego.*

*camões ao habitar-se
no olho murcho
via o mundo claro
dentro do escuro
e o olho aberto
era inútil
ao habitar-se
no olho murcho.*

*lampião
atrás dos óculos
sentia-se acrescido, somado,
e era mais lampião
naqueles óculos de aro.*

*os óculos
lhe eram binóculos
íntimos sobre a miopia
e quando os óculos tirava
lampião se decrescia:
o olho cego somava
e o aberto diminuía.*

*camões molhava a pena
como se no tinteiro
molhasse o olho cego
e Tateando, cuidadoso,
saía do seu interno.*

*(no tinteiro as palavras
em forma líquida
juntam-se uma a uma
à retina, à pupila).*

*camões
escrevia com o olho cego
por senti-lo mais seu
do que o olho aberto
e por poder o olho cego
infiltrar-se, ir mais dentro
e externar o seu inverso.*

No poema, Sérgio de Castro Pinto procura estabelecer um cotejo entre o poeta português Luís Vaz de Camões (acima) e o cangaceiro pernambucano Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (ao lado), a partir do olho cego de ambos



Imagem: Reprodução/Museu da Sociedade Martins Sarmento



Imagem: Benjamin Abrahão Botto/Museu do Ceará/Reprodução

Antes, porém, desejo concluir com duas homenagens: mais uma a Camões e outra a Fernando Pessoa. E o faço através de dois poemas do meu mais recente livro: *Breves dias sem freio* (Editora Patuá, São Paulo, 2025).

camões

*no ~ do teu nome
a lembrança
do encapelado
mar
da ocidental praia lusitana*



a dor em Pessoa

*no hipocondríaco
eu-lírico
de Pessoa*

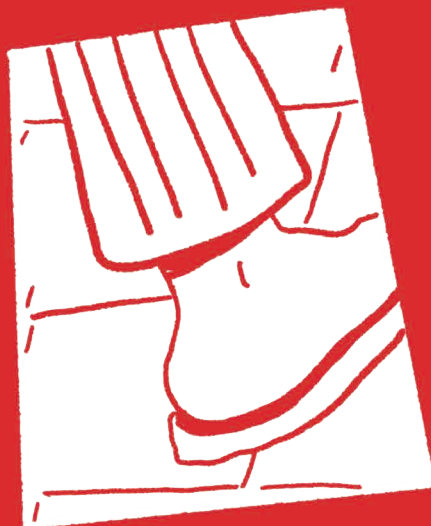
*doía mais
a dor
fingida*

*do que a dor
em pessoa
pessoalmente
sentida*

() Trecho da palestra que proferi no Auditório Camões, Praça do Comércio, na 46ª Edição da Feira do Livro de Coimbra, em Portugal.*

Sérgio de Castro Pinto é poeta, jornalista e professor aposentado de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autor de diversas obras, como 'Zoo imaginário', 'A flor do gol' e 'Brando Fogo das Palavras'. Mora em João Pessoa (PB).

O Sonâmbulo



Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

I

Na pensão Fluvial, onde afoguei minha juventude, havia um amanuense melancólico e sombrio, que era sonâmbulo.

Durante os acessos, saía do quarto empoeirado e voltava por si mesmo, após misteriosos caminhos.

Às vezes, porém, perdia-se sob as estrelas e era reconduzido à pensão por algum guarda-noturno.

Aníbal, ocasional parceiro de baralho, se arruinara consultando médicos, que lhe receitavam inutilidades custosas: o sonambulismo resistia.

Uma noite, não fui para a cama às horas de costume, entretido em escrever um soneto a uma improvável amada (que jamais aceitaria o caixeiro de uma loja de barbantes).

Então a porta rangedora de meu quarto se abriu (eu esquecera de fechá-la) e logo vi entrar Aníbal, sonâmbulo.



II

De manhã, chamei Aníbal para uma conversa à beira do rio.

Passavam flores afogadas na corrente.

Então perguntei-lhe o que havia sonhado naquela noite.

Angústia nos olhos, confessou-me que eu assassinara sua mãe e que a sombra ensanguentada de sua progenitora exigira vingança.

Cheio de furor, corra como um alucinado ao meu quarto e me apunhalara.

Pouco depois — disse — acordara suado, deplorando seu ataque.

Agradecia a Deus pelo crime restrito ao sonho.

— Mas ele atingiu a realidade- esclareci.

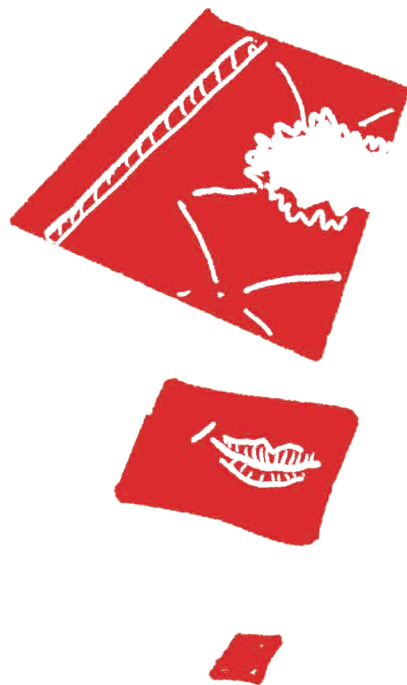
E levando-o a meu quarto, que já conhecia, mostrei-lhe os sinais da faca na cama.

Quando lhe relatei tudo, com minúcias, ele não conteve ácidas lágrimas, obrigando-me a puni-lo da maneira que eu desejasse.

Eu disse que não o castigaria por um ato involuntário, mas aconselhei-o a pedir que trancassem seu quarto por fora, todas as noites.

Numa delas, a derradeira, ele se matou com uma tesoura, durante o sono.

Ilustração: Lucas Nóbrega



III

A polícia, investigando o suicídio, descobriu que a mãe de Aníbal morrera, há alguns anos atrás, enquanto ele gargalhava num baile.

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de 62 livros; o mais recente é 'Os 70 Ausentes de Pedra Branca' (contos), da Editora Taturana.



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Convivência

crítica



CARTA-

Nevita,

Gosto de ler cartas, pois a intimidade é um país estranho e surpreendente. Gosto de sua estrutura fronteira, de suas contradições intrínsecas, de sua instabilidade, do que existe nelas de efêmero e de eterno, das suas certezas e das suas imperfeições, do claro e do escuro que falam e que silenciam na folha de papel. Também sou dado aos diários, às memórias, às confissões, às autobiografias, todos, gêneros heterodoxos que me fascinam e me impelem ao sagrado ato da leitura.

Nas cartas, para além da voz pessoal dos correspondentes, testemunhando seus quereres, conflitos afetivos, perspectivas variadas, entre tantas modalidades de registro, insinua-se a arquitetura de um diálogo entre dois protagonistas. Diálogo este que pode contemplar as afinidades eletivas no plano intelectual, os antagonismos ideológicos, a troca de segredos, o fluxo de revelações emocionais, declarações, atitudes, projetos, enfim, tudo o que vem a consubstanciar a vária e intensa matéria da vida.

Tal reflexão me ocorre a partir da leitura que faço de suas *Cartas de Berlim: uma correspondência entre mãe e filho*. Você, a mãe, professora de filosofia e autora do delicioso *Pensamentos vadios* (2022), a que tive o prazer de prefaciar, e organizadora da coletânea crítica, *Um copo de mar* (2024), dedicada à minha poesia. Ele, Marcílio, o filho, intelectual de vasto saber jurídico, também professor e autor de *O silêncio eloquente* (2008) e do mais que seminal *A cegueira da justiça: diálogo iconográfico entre arte e direito* (2011).

Chamam-me a atenção, de saída, as duas dedicatórias, contemplando, por um lado, “viajores, boêmios, errantes, itinerantes, nômades, vagamundos, que não temem traçar roteiros próprios, inaugurar itinerários nunca antes percorridos e persistir a caminho na luz ou na sombra dos dias e noites de todos os dias”, e, por outro, “Em especial, aos carteiros do mundo, aligeiradores de tempos e espaços, estafetas de proximidades e encontros, mensageiros de afetos”.

Creio que neste paratexto poético residem, desde já, o

tom peculiar e a perspectiva aberta que norteiam a sintaxe e a semântica deste conjunto de cartas, circunstanciado pelos limites do universo privado, embora possam refletir, dentro de suas confissões, testemunhos, expectativas, sonhos e afetos, o interesse público, sobretudo, se penso no calor dos sentimentos que se enunciam na trama do texto, assim como os pontos de fuga das alusões culturais a se perfazerem numa espécie de epistemologia do coração, misturando saberes, amores, aromas,

“Nas cartas, para além da voz pessoal dos correspondentes, testemunhando seus quereres, conflitos afetivos, perspectivas variadas, entre tantas modalidades de registro, insinua-se a arquitetura de um diálogo entre dois protagonistas”

ensaio

Comarca das Pedras, 23 de janeiro de 2025

mimos, lembranças, diálogos, conselhos, sugestões, perguntas, detalhes, coisas úteis e inúteis da dura e doce banalidade da vida.

O tempo das cartas se dá entre outubro de 1993 e abril de 1994, um ano, portanto, em que viveram separados fisicamente, você e seu filho, embora tenham se valido do milagre da palavra escrita para preencher esse território vazio em que mergulharam por força da distância geográfica. Ele, porque se foi para Berlim, aprimorar seus estudos de direito, e

você, que aqui ficou, hóspede da saudade do filho querido, toda entregue à “pulsção do amor” e ao “ritmo expectante do coração”.

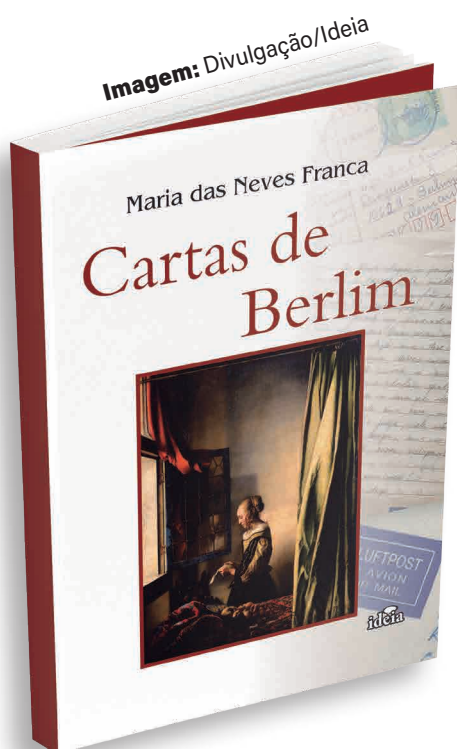
Escrevendo a Felice Bauer, em 19-20 de fevereiro de 1913, Kafka afirma: “Uma correspondência é o sinal de que algo não vai bem. A paz não precisa de cartas”. Exato. As cartas pressupõem as brasas da tensão, a palpabilidade da distância, o corte da presença física, um insólito elo entre tempo e espaço. Mesmo as afetuosas não conseguem elidir as manchas intrínsecas da tristeza e da saudade. Toda carta é um grito. Toda carta dói!

Nas suas e nas dele pulsa essencialmente o compasso da afeição mútua, da admiração mútua, entrelaçados pelo vocativo de algumas tópicas temáticas que garantem, não somente o seu valor documental e psicológico, no ângulo das subjetividades que dialogam, mas também o mérito cultural e cognitivo que extrapola a singularidade que se desvela e assume interesse universal pelo rico conteúdo que se deixa explorar nas malhas do texto. O amor materno, o amor filial, o amor em sentido mais

elástico; a educação, a história, a geografia, a filosofia, a arte, a literatura, a música, o cinema, enfim, tudo o que pode envolver o horizonte de expectativa de pessoas sensíveis e inteligentes se cristaliza, aqui e ali, na ordem verbal que estas cartas estabelecem.

Em *Palavras ao vento*, você fala do tom amoroso que caracteriza estas cartas, afirmando que elas são “pedaços de vida” e que criou os filhos para “conduzi-los ao encontro de si próprios”, constituindo as cartas, no seu entender, “um aprendizado: o de ser mãe”. Ao que acrescenta: “Afinal, não há mãe antes do filho. Ambos nascem juntos e juntos aprendem a ser”. E, ousado afirmar, aprenderam a ser e aprenderão a ser muito mais, no exercício desta escrita de si que as cartas ora publicadas consolidam.

Marcílio expressa suas reações diante do desconhecido, discorre sobre o impacto que lhe causa a paisagem alemã, descreve monumentos, fala de seus estudos, das suas leituras, dos seus projetos, da sua solidão e da sua saudade, sem deixar, no entanto, de inscrever-se na lógica inadiável do



afinco e da persistência daquele que vai à luta para realizar os seus sonhos. Você se socorre do cuidado e do desconserto da ausência para se revelar a mãe afetuosa que compartilha, com o filho amado, as crenças, as inseguranças, as verdades e as incertezas dos que ficam. Tudo isto envolvido num intenso clima de troca de impressões e de múltiplas referências a signos, índices e ícones do mundo cultural, filosófico e artístico.

Toca-me sobremaneira esta vertente. A vertente dos saberes que se insinuam no bojo das discussões desenvolvidas no fluxo desta ou daquela carta. O que sei dos dois missivistas não só sei quando eles falam de si e revelam as fraturas de suas respectivas sensibilidades. Sei também, e numa clave muito particular, quando eles, os missivistas, falam dos outros ou da complexidade multifária da realidade objetiva. Se há distância, se há ausência, esta ausência e esta distância devem ser lidas e assimiladas como complemento do que falta.

Diria que há, entre os dois, um ponto de interseção mais que familiar, mais que umbilical, mais que fático, porque é um ponto de interseção filtrado pelo toque da liberdade, pelo vigor do pensamento, pelo ape-lo à transcendência. Com isto, querida Nevita, quero dizer que estas cartas não são apenas uma conversa entre mãe e filho, mas, sobretudo, um colóquio de duas sensibilidades e de duas inteligências especiais. Enfim, uma construção intelectual, um documento simbólico, um texto literário que, como todo autêntico texto literário, se abre para o leitor e para o mundo.

Da carta que Marcílio lhe escreve, datada de 12 de outubro de 1993, colho esta passagem singular:

Sábado passado fui ao “Portão de Brandenburgo”. É um monumento colossal. Dá a ideia da força do povo alemão. Perto do monumento, imigrante de todos os países ex-comunistas vendem relíquias de seus respectivos países para sobreviver. Assim, lá é possível comprar desde o fardamento completo de um general do “exército vermelho” da ex-URSS até uma medalha de bravura da antiga Alemanha Oriental.

Esta, acredito, constitui uma das tônicas das cartas que vêm de lá. Em certo sentido, Marcílio, qual um flaneur baudelairiano, traça um roteiro sentimental e estético da velha cidade europeia, evocando momentos de sua história, de sua arte e de sua literatura. Um roteiro pontuado pela sabedoria do espanto, pelo toque de certa tristeza criativa, pela epifania de novas aprendizagens e de novas descobertas. Não há carta que, em meio à urgência dos assuntos pessoais, que oscilam entre questões práticas e afetivas, não traga à tona algum episódio ou algum fenômeno, alguma obra ou algum autor, alguma informação ou algum comentário que nos sirvam para o conhecimento de Berlim, na sua verdade e na sua beleza.

Decerto, devido aos costumes extravios, suas cartas são em maior número, e me parecem marcadas por uma urgência afetiva que só o inexplicável e mágico sentimento de maternidade poderia esclarecer. Há, nelas, para além do timbre cordial e amoroso, das minudências cariciosas

e dos pormenores próprios aos idiomas íntimos, certa disposição didático-pedagógica que investe no apoio incondicional, na orientação do filho, na sugestão, no debate, na provocação das ideias em torno de motivos e de temas do mesmo interesse, como se mãe e filho, a par das viscerais afinidades biológicas e psíquicas, também perseguissem o refinado critério das “afinidades eletivas” a que tanto Goethe, nome emblemático da cultura alemã, se refere.

Tomo, como exemplo, este pequeno trecho da carta que você escreve em 15 de novembro de 1993:

Esta semana fiz umas leituras ótimas que talvez lhe interessassem. Em Nietzsche encontro uma crítica à democracia, considerada por ele como uma forma de decadência do Estado – decadência no sentido do que escraviza o pensamento {...} Mas, não pense que por ser antidemocrático Nietzsche era um totalitário! Veja só o que encontrei nas Considerações extemporâneas: “Estamos sofrendo as consequências das doutrinas pregadas ultimamente por todos os lados, segundo as quais o Estado é o mais alto fim do homem, e assim não há nada mais alto do que servi-lo. Considero tal fato não um retrocesso ao paganismo, mas um retrocesso à estupidez”. {...} Nietzsche não aceitava a origem do Estado no contrato. Para ele isso não passa de teoria fantástica. O Estado tem uma outra origem, uma origem “terrível”: é criação da violência e da conquista e, como consequência, seus alicerces se encontram na máxima que diz que o poder dá o primeiro direito e que não há direito que no fundo não seja usurpação, arrogância e violência.

Eis aí a voz de uma nietzscheana empedernida! Mãe dedicada, mas também mãe irrequieten. Mãe que sente, mas mãe que pensa, como no verso pessoano.

Tentando elucidar as linhas mestras de seu livro *Cartas que falam* (2023), o professor Leandro Garcia Rodrigues assinala, a certa altura da Apresentação, que a carta “é um discurso dos ausentes”, “uma estratégia” adequada para se preencher “os vazios ontológicos com os quais vivemos – uns mais, outros menos – ao longo da vida”.

Não há dúvida de que tais palavras se aplicam muito bem ao teor de suas cartas, na medida em que elas cristalizam, a cada página lida e

meditada, os elementos diversos desta problemática, isto é, as falhas e virtualidades da condição humana, a grandeza e a miséria que a todos comportam. A ausência deixa-se ocupar pela memória e pela imaginação, tornando cada carta um instrumento vicário daquilo que poderia ter sido e que não foi, para lembrar o verso maior de Bandeira, em meio à ambiguidade e à concreção das coisas acontecidas.

Documento pessoal, sim, carregado de experiências reais e imaginárias. Documento social, relato histórico, narrativas da subjetividade, experiência dialógica, escrita afetiva, ensaio estético, lacunar, inacabado, estas cartas

que vocês trocaram, no desassossego da distância, já não são só de vocês. Pertencem também a todos aqueles que podem se espelhar nas vivências emotivas e nos múltiplos saberes que elas ofertam. Enquanto cartas, cartografam essa estranha geografia que abriga fantasmas, desejos, sonhos, devaneios, carências e o áspero tecido da realidade mais vívida. Lê-las foi um prazer. Grifei passagens, sublinhei palavras, fiz anotações de pé de página, destaquei este ou aquele trecho, como um leitor que faz do texto que lê, no silêncio, no sossego e na solidão de sua biblioteca, um pequeno instante no paraíso.

Hildeberto Barbosa Filho

Maria das Neves Franca, a Nevita, é professora, escritora e filósofa paraibana, autora de “*Cartas de Berlim: uma correspondência entre mãe e filho*”, entre outras obras



Imagem: Arquivo pessoal

Memórias

No terreno movediço da memória
expurguei meus pecados
deixei-os se remexerem
agonizarem,
e aos poucos
soterrados,
desaparecerem.

com eles afundei histórias
e o respaldo da memória
e percebi no último minuto,
que ali sendo tragado
também foram soterrados
pedaços de vida e absurdos.

Minhas memórias jaziam
e no conduto,
pedaços de mim.

Olhei o que restou
com olhar de futuro interditado,
lembrei que a vida tinha avisado,
tardiamente
no sentido embora dormente,
que a sustentação do ser
pelo que deixou transparecer
fica comprometida na perda do tempo passado.

e que quando descartamos os defeitos
e os percalços da vida,
a vida atrevida
derruba o edifício inteiro,
e não há saída
tem tijolo em milheiro
no interlúdio do desespero
nem o melhor empreiteiro
que sustenta uma vida subtraída.

E do ferro que sustentava a palavra-vida
envergada e hoje retorcida
não suporta sozinha o peso da partida.
e os escombros de minha alma diminuída.
Grita ao ponto de partida,
advertida.



Ilustração: Tônio

de Vasconcelos

Aconchego

*Num instante exato
de um momento de agonia
a vida se faz
e os momentos de aconchego se cria,
do penar ao contentamento
do aconchego que precisa de envolvimento.*

*aconchegar é desatar o nó da dor do outro,
acarinhar sem embaraço,
é amparar a dor do outro sem o laço
que prende as coisas fugidias.*

*é acolhimento pelo abraço,
é tocar acarinhando o momento
sem devaneio ou estardalhaço
é o toque de amparo e divertimento.*

*Aconchegar deveria ser lei
para os humanos sem ousadia,
para dia a da chegar-se
em vez de entregar-se a agonia.*

*Aconchegar prescinde o anteceder da beleza
a antropogonia e as mil incertezas
que é parte sensível da nossa natureza,
fineza em todo findar do dia.*



A autonomia da palavra

*As palavras são auto imunes
desde o conceito por elas criado,
a cada neologismo inventado,
aforismos do pensamento.*

*A palavra-ancião
do antigo e velho ditado
já tinha proclamado o quão
é adiantado o pensamento.*

*Precisamos celebrar
o rito da palavra primeira
do verbo que se fez vida
e da vida que conjuga o verbo.*

*A palavra também é alimento
de um deleite imaginário
autônoma e inquieta
com seu teor ultra lbertário.*

*é alentada, encorajada
por sentimentos
tem suas nuances,
e desnuda o preconceito.*

*Ela revolta e acalenta,
adoça e amarga,
é vida e morte,
Antítese que não se entrega à sorte.
Que mais será?
é o grito,
o silêncio,
o sopro inefável da existência.*

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.





João Batista de Brito
brito.joaobatista@gmail.com

Imagens

amadas



Doce pássaro da esperança

Poeta das miudezas, Emily Dickinson (1830–1886) não para de me encantar. Sua poesia prenunciou a modernidade, atravessou-a e continua atual. Aqui leio e comento um dos poemas mais emblemáticos de seu estilo, um estilo dificilmente traduzível para outras línguas, ou linguagens. Sem título, como toda sua produção, o poema é identificado pelo primeiro verso: “*Hope is the Thing with feathers*”.

Poesia da norte-americana Emily Dickinson (1830–1886) prenunciou a modernidade e continua atual

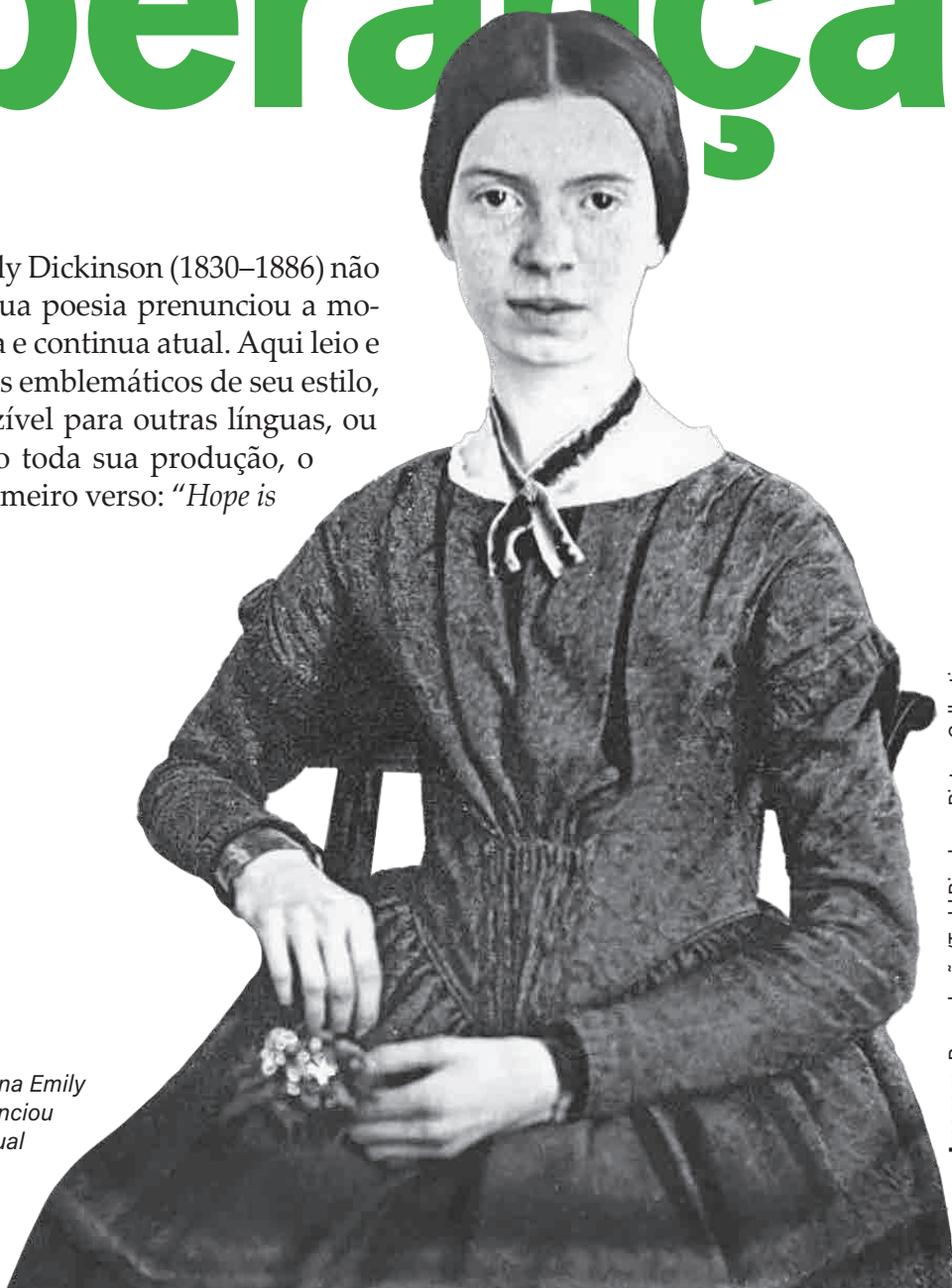


Imagem: Reprodução/Todd Bingham-Picture Collection

Hope is the Thing with feathers –

*That perches in the soul –
And sings the tune without the words –*

And never stops – at all –

*And sweetest – in the Gale
– is heard –*

*And sore must be the
Storm –*

*That could abash the little
bird*

That kept so many warm –

*I've heard it in the chilliest
land –*

*And on the strangest Sea –
Yet, never, it Extremity,
It asked a Crumb – of Me.*

Para o leitor lusófono, acrescento a tradução de Luiz Felipe Coelho, disponível na internet. Correta e quase literal, essa tradução deverá facilitar a compreensão, do poema e do texto.

Esperança é a coisa com penas

Que se empoleira na alma
E canta um som sem palavras

E nunca, mas nunca, para.
E mais doce é ouvido no vendaval;

E dura precisa ser a tempestade

Que poderia desanimar o passarinho

Que mantém aquecidos a tantos.

Já o ouvi nas terras mais geladas

E nos mares mais estranhos,

Entretanto nunca, mesmo no desespero,

Ele pediu uma migalha a Mim.

É provável que o caminho inicial para uma abordagem do poema de Emily Dickinson seja o desenvolvimento de um tema, conforme o que está sugerido na primeira palavra do texto, *Hope/Esperança*. Estaríamos diante de um poema sobre esse sentimento humano, mas o que é dito dele? Pelo que se lê, nada muito conceitual. Nada que o leitor possa parafrasear e, assim, transformar em ideia.

De fato, a primeira estrofe conterá uma espécie de definição de seu tema; a segunda, afirmações genéricas sobre ele, e a terceira, a colocação de uma experiência pessoal, também a propósito dele. Esse tratamento de natureza tão simetricamente tríplice, se justifica a estrofação, não explica tudo, e não o faz porque, nem definição, nem afirmações, nem colocação pessoal são dadas em termos denotativos.

Estrofação justificada ou não, o esquema rimático, ainda que livre, vem resguardar o sentido de unidade do texto, um sentido que, bem entendido, ele já possui a partir de seu conteúdo: abab\cdcd\efef seria sua descrição, não fossem /a/ e /f/ rimas problemáticas, as quais, de qualquer forma, por serem simétricas (finais de primeiro e terceiro versos, na primeira e na última estrofes) dão seu contributo à noção de unidade.

Um dos problemas de compreensão é justamente que os únicos termos a rigor denotativos do texto são *hope/esperança* e *soul/alma*, fundando, essa dupla específica, um campo semântico da psicologia humana, numericamente inferior a um outro, de que trataremos agora. Antes de prosseguirmos, na ordem das estrofes, notemos, porém, que, mais adian-

Imagem: Emma Brewer/Reprodução



Emma Brewer imagina com humor como os famosos poemas de Dickinson seriam escritos se a poeta fosse uma "freelancer" nos dias de hoje

**É provável que
o caminho
inicial para uma
abordagem do
poema de Emily
Dickinson seja o
desenvolvimento
de um tema**

te, a esse campo da psicologia vão se incorporar, por tabela, o “so many” (tantos) da segunda estrofe, e o “I-Me” da terceira estrofe, este configurando linguisticamente o eu lírico.

Na primeira estrofe, a esperança é “uma coisa com penas / que pousa na alma / e canta a canção sem palavras / e nunca para”. Se tivesse sido chamada de \pássaro\ já haveria conotação, mas uma conotação mais fácil, mais óbvia: aqui a metáfora é analítica, quase metalinguística no sentido em que se quer refletida, pensada. Com certeza, em inglês, “a Thing with feathers” é mais expressivo, e aqui mais dramático do que \bird\ (embora este termo apareça adiante!) e faz pensar na expressão idiomática \poor thing\, tão usada para designar uma condição de fragilidade.

A condição de pássaro é reforçada pelos termos específicos desse campo da \ave\, “perches” (pousa) e “sings” (canta), mas vejam bem, o pulcreiro desse pássaro é a alma humana e ele canta uma canção (“tune”: elemento fora do seu campo) sem palavras, que

nunca para. Na vida real, pássaros pousam e cantam sem palavras: até aí vai a confirmação de um núcleo imagético privilegiado; até aí vai a compreensão de que a poeta escolheu definir o seu tema com um feixe de metáforas particular, porém, a relação entre elemento definido (esperança) e elemento definidor (o campo semântico da \ave\) não se dá termo a termo: muito pouco verossimilmente, a nossa “coisa com penas” canta, aqui, uma “canção” (tune) que nunca para.

Claro, as inverossimilhanças em cada campo reforçam e enriquecem o outro. E aqui é possível e rentável se indagar sobre as razões para todas essas escolhas. Por que, por exemplo, “sem palavras” (supostamente \sem conteúdo\) seria o canto da esperança? Dentro de um código realista, de fato não há verbalização na voz das aves, porém, no contexto semântico/temático do poema, não se trata de um canto mais frágil, mais ineficaz, inefetivo, nisso homologando a comparação básica esperança/pássaro e seu sema

comum de \fragilidade\? Engraçado, se é assim, por outro lado, esse canto sem conteúdo não se detém diante de nada (“never stops – at all”), isto é, continua sem parar diante de todos os empecilhos.

Afinal, seria o pássaro da esperança frágil ou forte? A ambiguidade desse canto vai estar nas observações da estrofe seguinte, em que ele é “o mais doce que se ouve durante o vendaval”, ao mesmo tempo em que “dura deve ser a tempestade que pudesse perturbar o passarinho / que manteve tantos aquecidos”. Se vendaval e tempestade são sinônimos que porventura representam as adversidades da condição humana, pode se dizer que o canto em questão continua sendo ouvido como algo frágil (doce/sweetest), advindo de um ser diminuído (“little bird”: literalmente ‘pássaro pequeno’) e forte, no sentido em que, aparentemente, nada pode perturbá-lo (“abash”), ao mesmo tempo em que foi ele que aqueceu muitos (“so many”) no período dessas adversidades.

Puleiro do pássaro dos versos é a alma humana e ele canta uma canção sem palavras, que nunca para

A terceira estrofe vai introduzir a experiência do eu lírico, nessa mesma chave ambígua de não permitir decisão entre fortaleza e fragilidade. Diz ela que já ouviu esse canto “na terra mais fria” (*“in the chilliest land”*) e no mar mais estranho (*“and on the strangest sea”*), usando superlativos que indicam a intensidade de uma situação limite, ou se for o caso, de pelo menos duas situações limite. E no entanto, nunca, em caso extremo (*“never, in Extremity”*), esse pássaro canoro lhe pediu uma migalha; *“...asked a crumb of Me”*. Literalmente entendido, esse verso final pode estar dando a entender que a esperança é gratuita, não pede nada em troca para ser sentida, mas claro que significa mais quando se considera o contexto psicológico do poema, a sua base literal, em confronto com sua imagética.

Veridicamente falando, um pássaro não poderia cantar eternamente sem se alimentar. O nosso, aqui, faz isso sem cobrar migalhas, uma prova de sua força ou uma prova de sua fraqueza? É possível devanear um bocado com esta constatação, (a

de que um pássaro cante para você sem pedir nada em troca!), lhe acrescentando motivações que enriquecem a leitura, sem deixarem de ser textuais. O pássaro não cobra alimentação por pura generosidade (como um santo não faria milagres em troca de dividendos)? Ou por mera indiferença para com o destino humano, ou ainda para não se comprometer com esse destino, o que também significaria indiferença? As possíveis respostas a estas perguntas podem ser relacionadas a sua fragilidade ou a sua fortaleza, porém, no meu entender, o principal nessa constatação e na sua significação, como no poema inteiro, é a impossibilidade de decidir. Fragilidade e/ou generosidade, fortaleza e/ou indiferença (ou quaisquer outras combinações dentro desse quatrilha)? O principal é a alternativa de se ficar, antagonismos à parte, com todas as coisas ao mesmo tempo, as quais, juntas (e não separadas) concedem ao texto um forte fator de poeticidade.

No poema as circunstâncias em que a ave da esperança canta são o vendaval, a

tempestade, a terra mais fria e o mar mais estranho, para o leitor uma espécie de resumo simbólico do infortúnio humano, entre os quais, se for o caso, ele pode evocar os seus próprios. Um ente querido em leito de morte que pode ou não se recuperar, um amor desejado que pode ou não retornar, o resultado, a ser positivo ou negativo, de um concurso de que depende toda uma carreira profissional... Quem é que já não ouviu o canto desse pássaro e não já experimentou a sua cumplicidade ou indiferença, a sua força ou a sua fragilidade? Ao leitor brasileiro pode até ocorrer aquele ditado que afirma que \a esperança é última que morre\, porém, o poema de Dickinson é, com certeza, muito mais ambíguo que qualquer item de cultura popular e, por isso mesmo, infinitamente mais intenso em seu efeito.

Ninguém tem dúvidas: aqui a poeta Emily Dickinson está no melhor do seu labor. O de refletir sobre a condição humana em linguagem estranhamente universal e pessoal. Em suma, em linguagem poética.

Foto: Leonardo Ariel



João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Autor de obras como 'Imagens Amadas' (Editora Ateliê, São Paulo, 1995). Mora em João Pessoa (PB).

Sávio Emanuel

Especial para o Correio das Artes

A pecuária foi a grande responsável pelo desbravamento do interior brasileiro. No contexto colonial, homem e gado construíram os caminhos para a ocupação dos rincões do país. No Nordeste, essa atividade ganhou, com o passar do tempo, características próprias. O vaqueiro virou herói, sinônimo de bravura. Sua destreza serviu de inspiração aos poetas do Sertão. Os seus feitos apareceram no romantismo de José de Alencar e nas veredas de Guimarães Rosa. A sua coragem foi exaltada nos versos de Patativa do Assaré e as suas dores foram cantadas pela sanfona de Luiz Gonzaga.

Séculos depois, a pecuária e a sociedade rural passaram por inúmeras transformações e o vaqueiro não ficou imune a elas. As vestimentas tradicionais de couro, indispensáveis para se adentrar a mata violenta da caatinga, deram espaço às botas de plásti-

co, bonés de pano e calças *jeans*, mais condizentes com o contexto do agronegócio contemporâneo. E esse novo vaqueiro segue inspirando. É uma figura idealizada na música sertaneja e no forró, embalando os rodeios e as vaquejadas Brasil afora.

Mas, no Nordeste pós-moderno, passado e presente coexistem, e ainda há espaço para o arcaico. Personagens como Doge Pereira, do Cariri cearense, resistem de forma anacrônica às inovações do século 21. As rugas desenharam o rosto de um homem que, com seus mais de 70 anos, insiste em tanger e aboiar o rebanho montado em um burro, completamente trajado em couro.

Enquanto isso, em João Pessoa, uma equipe de homens com uniformes modernos trabalha diariamente na produção de leite no Rebanho Ferreira Vacaria. Mesmo com as atualizações da profissão, algo ficou inalterado: o dom de cuidar e de se comunicar com o gado.

Neste ensaio, Carlos Rodrigo nos apresenta as duas realidades. Contrastes e semelhanças provam que a cultura humana, por milênios, segue necessitando do vaqueiro, esse ser intermediário entre o boi e o homem.



Carlos Rodrigo

























Carlos Rodrigo é jornalista e especialista em fotografia. Natural do Crato (CE), ele atua como repórter fotográfico no Jornal **A União**.



Renálide Carvalho
rcmfabricio@gmail.com



Quem tem medo de fêmeas palavras negras?

Foto: Reprodução/Itaú Cultural



Leda Maria Martins criou o conceito de oralitura, que valoriza o corpo, a voz e o gesto como repositórios de memória e saberes ancestrais

Assumir-se escritora sendo mulher já é deveras difícil, e torna-se ainda pior quando se é uma mulher negra e periférica. Somos levadas a desacreditar da nossa capacidade, sentimo-nos inseguras e incompetentes, temos vergonha de mostrar o que escrevemos e engavetamos nossos textos. As dificuldades impostas assumem várias nuances, muitas vezes, não encontramos apoio dentro da nossa família, que, empenhada no suprimento das necessidades materiais, ou inserida numa realidade onde o acesso aos livros sempre foi exíguo, acha futilidade dedicar-se à arte da palavra escrita. Digo arte da palavra escrita pelo fato de que, em nossas famílias empobrecidas, embora haja ausência de livros, sempre existiu farto contato com a chamada oralitura, conceito criado pela pensadora Leda Maria Martins, que valoriza o corpo, a voz e o gesto como repositórios de memória e saberes ancestrais, propondo uma crítica à hegemonia do saber letrado.

Em seu texto *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*, ela historiciza: “Na literatura escrita no Brasil predomina

a herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia. Mesmo os discursos que se alçaram como fundadores da nacionalidade literária brasileira, no século 19, tinham na série e na dicção literárias ocidentais sua âncora e base da criação literária. A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas” (2003, p. 63). Assim, os provérbios, as anedotas, os mitos e as lendas; os cancioneros populares, o teatro popular, as contações de histórias e as cantigas; a capoeira, as danças tradicionais e as festas religiosas; as performances da oralidade e as práticas rituais, os gêneros híbridos, literários, memorialísticos, performativos e musicais, que sempre povoaram nosso cotidiano, foram e são, ainda, marginalizados dentro da hierarquia promovida pelo dito cânone, que não reconhece os saberes ancestrais, a criatividade e a produção de arte e tecnologia das classes subalternizadas.

Tal subalternização dos nossos saberes ocorre em função do racismo epistêmico, que, sustentado pela colonialidade do saber, sempre tratou de promover o “apagamento de referências, vozes e bibliotecas extraocidentais, (...) com suas hierarquias e critérios valorativos monoculturais” (Reis, 2022, p. 6), como reflete o professor Diego Reis, em seu texto *A colonialidade do saber: perspectivas decoloniais para repensar a univers(al)idade*. Dessa maneira, para o mundo da dita grande literatura, ainda predominantemente ocidental, masculino e branco, com as exceções advindas de nossa luta incessante, somos pobres, pretas e periféricas demais, não temos a tal “boa aparência” exigida pelas editoras

para figurar nos salões literários, nem nos consideram boas o suficiente para sermos incluídas nos compêndios e manuais universitários. Dizem que o que escrevemos é letra menor, panfletarismo, subjetivismo demais, tudo, menos literatura, mas será que esse universo elitista da literatura hegemônica não tem medo das nossas negras e fêmeas palavras? Não seríamos nós uma ameaça ao *status quo*?

Conceição Evaristo, grande referência da literatura brasileira, ao elaborar o conceito de escrevivências, enquanto uma especificidade da narrativa das experiências vividas por mulheres negras, alertou-nos de que somos invisibilizadas pela história oficial e pela literatura e que esta nos ficcionaliza a partir de estereótipos. Por isso, convoca-nos a assenhorarmo-nos da pena, “objeto representativo do poder falo-cêntrico branco”, e inscrevermos no *corpus* literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação (...) de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 6). Frente a essa realidade de opressão, estereotipização, apagamento e marginalização, quantas de nós nos sentimos solitárias, inseguras, injustiçadas, tristes e revoltadas? Quantas de nós, em função das portas batidas nas nossas caras, da apropriação masculina de nossas autorias, das demandas familiares ou das parcas condições financeiras, ficamos pelo caminho? Quantas de nós somos excluídas dos currículos escolares, em função de avaliações pautadas no racismo? Vale ressaltar que muitos comentários disfarçados de crítica literária, e assim acolhidos em jornais, revistas e demais suportes midiáticos especializados, são, na realidade, o racismo epistêmico

e o patriarcado operando para inferiorizar, ridicularizar e empurrar, cotidiana e sistematicamente, escritoras negras para as senzalas e porões dos navios negreiros modernos.

Por isso, nesta coluna, trago à luz um profícuo diálogo entre duas escritoras negras, descendentes de escravizados, uma afro-brasileira e outra afro-caribenha, cujas literaturas corporificam não só as dificuldades e dores, mas, sobretudo, a força descomunal e a beleza que possui a literatura feminina negra. Um encontro potente entre escritoras que escreverem a partir da margem, subvertem categorias estabelecidas, propondo um olhar crítico-poético sobre a realidade, um giro epistemológico em direção às identidades diaspóricas, ressaltando a ancestralidade, as resistências e enfrentamentos políticos cotidianos de toda uma coletividade desterrada. *Cartas a uma Negra, Lettres a une noire*, livro póstumo da escritora martinicana Françoise Ega (1920–1976), revela as correspondências escritas, mas nunca enviadas, por esta a Carolina Maria de Jesus (1914–1977), a quem Ega “conheceu”, durante sua viagem de ônibus à casa onde fazia faxina, ao ler a revista *Paris Match*, que dedicava matérias a personalidades negras naquela época.

Desse encontro fértil, nasceu o desejo da autora antilhana de continuar seus escritos e uma grande identificação com Carolina, em função das condições de vida semelhantes. Pois, embora Françoise fosse remediada, já que seu marido trabalhava e ganhava o suficiente para o sustento da família, ao trabalhar como empregada doméstica, sendo uma martinicana negra na França, ela também era atirada ao quarto de despejo da sociedade. A própria Françoise Ega ressalta tais semelhanças: “Pois é, Carolina, as

misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs” (Ega, 2021, p. 5). Ela endereça cartas à Carolina de Jesus, com o desejo de se fazer conhecer e de comunicar a sua interlocutora as experiências de mulheres trabalhadoras afro-caribenhas em Marselha, numa França colonialista-racista, enriquecida e construída via exploração extrema e humilhação de trabalhadoras e trabalhadores, sobretudo oriundos do sul global. A obra emociona por aproximar mulheres separadas pelo oceano atlântico, mas unidas no propósito de empunhar a caneta e soltar o grito de libertação e na ousadia de assumirem-se escritoras num mundo que sempre deu às costas para

Foto: Arquivo da família



**Em 1956,
Françoise Ega
com o seu
marido e filhos**

elas. É uma conversa transatlântica que ressalta a solidariedade entre escritoras pretas, ou como cunhou a intelectual Vilma Piedade (2017), a dororidade, termo que intersecciona gênero e raça para a melhor compreensão dos contextos que irmanam mulheres negras.

Essas duas obras manifestam não só a subalternização e o empobrecimento, mas a valentia de mulheres que lutam pelo seu lugar no mundo e na literatura. Elas descrevem a rotina do trabalho doméstico, da exploração, das discriminações, da ausência de direitos e demais problemas sociais de seus cotidianos. O excerto seguinte ilustra a dororidade existente entre essas mulheres: “Carolina, ontem foi a Festa da Ascensão. Na igreja do meu bairro, eu vi uma menina da mesma raça que a minha soluçando depois da comunhão. Aquilo me revirou o estômago; eu quis saber quem era ela e o que ela estava fazendo ali, na periferia de Marselha, com um vestido de verão sendo que ainda estava fresco e eu usava um grande *pull-over*. Ela sorriu. Falei em patoá, isso deu mais confiança. Ela me contou que “fizeram ela vir”. (...) Meu sangue fervia, Carolina! (...) De fato, há muitas meninas que fazem vir pra Marselha. Elas deixam as ilhas por um destino melhor. Eu as observo, e é sempre a mesma coisa (...) (Ega, 1978, p. 12).

Ega também conta, em uma das cartas, que seus filhos zombavam dela por ela escrever a uma escritora brasileira: “Meu primogênito riu, ele me disse, com sua lógica infantil, que era ridículo escrever para uma pessoa que jamais vai me ler. Sei disso, repetia para mim mesma, bem baixinho, mas naquele

momento ele me disse em alto e bom som, tanto que seus irmãos repetiram em coro: Pois é! por que você conta coisas para a Carolina? Ela não fala francês. Nós não falamos o mesmo idioma, é verdade, mas o do nosso coração é o mesmo, e faz bem se encontrar em algum lugar, naquele lugar onde as nossas almas se cruzam” (2025, p. 21). Esse lugar de encontro profundo narrado pela escritora antilhana, esse território de comunicação ancestral, de irmandade, rompe limites e fronteiras geográficas para nos enviar a mensagem do quão poderoso é o diálogo, o encontro, a partilha entre mulheres negras no mundo inteiro e do quanto uma pode ser a motivação, o amparo, o combustível e a inspiração da outra, sobretudo no ato corajoso de assumir-se escritora, de “assenhorar-se da pena” e retomar o nosso direito à literatura, violado por tantos séculos.

Tanto é assim que a nossa irmã Ega diz a Carolina, em tom de desabafo: “Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto, dizendo: De que adianta escrever? Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. Eu, que tenho a imensa felicidade de ter um caderno, um abajur e uma música bem baixinha que sai do rádio, acho que seria covardia largar tudo porque uma criança rasgou as folhas do caderno. Só me resta recomeçar” (2025, p. 8). A voz de Carolina sopra no ouvido da irmã escritora lá do outro lado do mundo, renovando as forças para que não desista da missão de escrever. Como bem diz Joseli Querino, na sua obra *E eu não sou uma escritora? Vozes-mulheres renomeando lugares de existência na escrita de autoria negra feminina*: “Essas vozes (...) nos reafirmam que escrever

numa sociedade que nega nossas existências é um ato de coragem, teimosia e ousadia e me faz lembrar quantas de nós fomos e ainda somos invisibilizadas em nossas subjetividades, interditadas em nossos fazeres artístico-literários, rotuladas como se não tivéssemos nossas especificidades, como se não tivéssemos o direito à fala, o direito à criação artística, como se não tivéssemos o direito de nos nomearmos escritoras” (2024, p. 133)

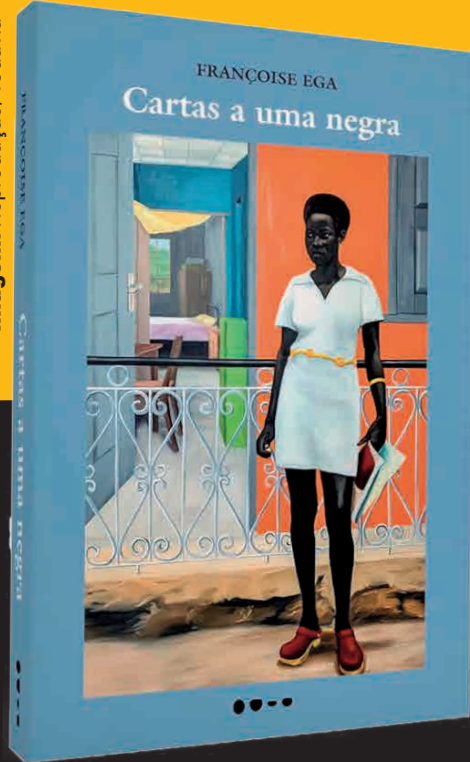
Ega compartilha com Carolina a descrença e o menosprezo dos que estão ao seu redor: “Timidamente, eu disse para quem estava ao meu redor: estou escrevendo um livro. Riram de mim. Repeti o meu *leitmotiv* a compatriotas que me viam rabiscar quando nos encontrávamos, fosse no ônibus, fosse nos encontros dos grupos comunitários. Aos risos, me disseram: ‘Cuide das suas crias’” (2025, p. 8). Carolina de Jesus, assim como Ega, também passou por várias situações discriminatórias, quando se autoafirmava escritora. Em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, sua obra *best-seller*, aclamada pelo público e pela crítica, traduzida para mais de 17 idiomas e distribuída

para mais de 40 países, há muitas passagens que revelam o racismo da sociedade brasileira, que recusa aceitar a competência literária de uma escritora preta e favelada: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: — É pena você ser preta” (2014, p. 55); ou quando ela nos conta: “Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: — Está escrevendo, negra fídida!” (2014, p. 23).

Mesmo assim, Carolina de Jesus não desistia e cumpria sua sina de escritora com fé, empenho e dedicação ao exercício literário, a tal ponto que Joel Rufino, que escreveu a biografia *Carolina Maria de Jesus: Uma escritora improvável*, revela-nos que ela era “o que os dicionários chamam de grafomaniaca. (...) Ela possuía o “vício de escrevinhar, ser infeliz se passar um dia sem escrever” (2009, p. 25). Carolina não era uma catadora de lixo que escrevia, mas uma escritora que, pelas péssimas condições de vida a que foi submetida, foi obrigada a catar lixo para sobreviver e sustentar seus filhos. Ela fora forjada como narradora pelo seu avô, conhecido como Sócrates africa-

no, contava histórias ao redor da fogueira, nas quais a experiência da escravidão era compartilhada. Ela sabia que a palavra tinha poder, e sempre priorizou a escrita e a leitura, apesar das dificuldades para fazê-lo, não somente pelos poucos dois anos de escolarização que possuía, mas por acessar os livros apenas através de bibliotecas alheias, quando encontrava no lixo ou era presenteadas por alguma pessoa amiga. Já Françoise Ega, reconhecida pelo seu ativismo em favor dos direitos da comunidade negra na França, que fundou programas de leitura e escrita para crianças e a Associação de Trabalhadores das Antilhas e da Guiana, ajudou migrantes com documentações e deu aulas de alfabetização para

Imagem: Reprodução/Todavia



Aclamada por público e crítica, Carolina de Jesus é autora do campeão de vendas “Quarto de Despejo”

“Cartas a uma Negra”, o livro póstumo de Ega, revela as correspondências escritas, mas nunca enviadas, pela autora martinicana a brasileira Carolina Maria de Jesus

Foto: Arquivo Estádio Conteúdo



adultos, voraz leitora e entusiasta de autorias negras, não possuía a autoconfiança de Carolina de Jesus e duvidava da sua capacidade como escritora.

Como revelam suas cartas: “Pude enviar algumas folhas do meu livro a uma grande mulher amante das Antilhas e dos antilhanos, minha cara Carolina. Rapidamente, ela me respondeu: Devorei a amostra do seu caderno, e um buquê de perfume e poesia me invadiu. É preciso, sim, continuar esse livro: cem vezes sim, é muito bonito. Pois é, eu poderia ter pulado de alegria, eu tinha agora um público leitor de duas pessoas, sem contar a família que sempre quer saber a continuação dos meus escritos. (...) não pulo de alegria, estou ainda bastante apreensiva sobre o que sairá de todas essas horas colocando o preto no branco, Cécile me disse que (...) devia escrever livros (...) que valia a pena (...) chegou a me dizer que eles seriam publicados. Então comecei a rir. Publicar, eu! Não conheço ninguém do ramo, não tenho um centavo no bolso e já estou no outono da minha vida. (2025, p.77) (...) eu tinha mesmo o direito de maltratar a língua de Molière? Eu, uma pobre negra? Tinha eu o direito de dizer coisas bonitas em um francês meia-boca? E a fala bonita daqueles que tiveram a sorte de estudar literatura, em que buraco ela se esconde quando sou eu que escrevo? Ouço então um imenso clamor e um monte de gargalhadas! A multidão diz: Ela foi corajosa, tendo só o diploma de curso primário! Que atrevida! O clamor aumenta, ressoa na minha cabeça com tanta intensidade que acabo largando tudo para voltar ao universo do qual nunca deveria ter saído. Limpo o cocô de uma das crianças, descasco batatas e penso em procurar uma patroa. É a minha sina: só tenho

que ficar no meu lugar e não vou me incomodar.” (2025, p. 88).

Ega sofre um massacre psicológico promovido pelas imagens de controle atribuídas a ela, enquanto mulher preta, vivendo como empregada doméstica na terra do colonizador. Imagem de controle, conceito caro ao feminismo negro, formulado pela socióloga estadunidense Patrícia Hill Collins (2019), em sua obra *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, remete a lugares, papéis, performances sociais, instituídos em decorrência de estereótipos raciais que se atribuem às mulheres negras e que “têm como função fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, 2019, p. 136).

Ega, portanto, acredita que seu lugar não poderia ser o da literatura, mas apenas o do trabalho doméstico, o do cuidado com os outros. Carolina de Jesus, contudo, insistiu na escrita e acreditou que seria publicada, como ela mesma diz: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (2014, p. 18). A escrita é o lugar onde a autora processa suas dores, reflete sobre as misérias cotidianas, mas também onde descansa, desabafa ou controla seus impulsos; é o lugar em que pode livremente criticar a sociedade e interpretar o Brasil, a partir do olhar atento de uma intelectual que sente na pele os problemas sociais dos quais trata em sua obra. Ela mesma afirma, em entrevista organizada pela Editora Ática: “Eu era revoltada, não acreditava em ninguém.” E “Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever

e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade” (2014, p. 171).

Mulheres negras escritoras, ao pautarem a condição feminina, racial e de classe, rasuram estruturas normativas e ousam falar o que a sociedade não quer ouvir, nem enxergar. Podem também ousar sonhar, fugir para outra realidade, onde exista beleza, conforto material, poder, liberdade e vislumbre de uma vida digna, como nos mostram os trechos seguintes de *Quarto de Despejo*: (...) deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (2014, p. 7).

Carolina Maria de Jesus, escritora, compositora, cantora, poetisa e dramaturga, fissurou o sistema e inspirou mulheres no mundo inteiro, como Francoise Ega. Trilhou pela contramão do que se esperava de uma negra, favelada, mãe solo e com pouca escolaridade, pois nunca duvidou de sua verve literária. Ela se juntou à “confraria de mulheres rebeldes em experimentos belos que teimaram em descrever o mundo a partir dos seus olhos (...) mulheres que ousaram se nomear escritoras (...) (2024, p. 104), como diz poeticamente Joseli Querino.

As criações literárias de mulheres negras traduzem, portanto, aquilo que Anzaldúa concebeu como escrita orgânica, em seu texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. É uma escrita que não nasce no papel, “mas no (...)

interior, nas vísceras e nos tecidos vivos” (2000, p. 234). Elas escreviam do lugar da mais profunda experiência, do que sentiam nas suas entranhas de mulher preta favelada, que — mesmo estando famintas — nunca estavam pobres de experiência (Anzaldúa, 2000, p. 234). Vale salientar que a fome retratada por essas escritoras vai além da fome física, é fome de justiça, de igualdade, de acesso a direitos fundamentais, de equidade racial, de respeito aos direitos humanos, fome de transformação social. No Brasil e no mundo, mulheres negras escritoras, como Carolina de Jesus, Françoise Ega, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Ana Maria Gonçalves, dentre tantas outras, estão rompendo o cerco, furando a bolha, segurando nas mãos e levantando umas às outras para entoarem, em alto e bom som, que não mais serão aprisionadas e silenciadas por nenhum tipo de máscara do silêncio.

Ao escreverem, elas empreendem o que as elites dominantes mais temem, revelam os segredos mais sórdidos de sociedades que relegam ao abandono e à miséria suas filhas e filhos negras(os) empobrecidas(os). Ao ousarem empunhar as canetas, estilham as máscaras do silêncio, para usar mais uma vez uma expressão de Conceição Evaristo, que, em entrevista à *Carta Capital*, ao se referir à máscara de flandres, cuja imagem se popularizou com a escrava Anastácia, afirmou: Eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e, às vezes, a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara (Evaristo, 2017).

Assim, é necessário que, cada vez mais, levantam-se vozes dissonantes, secularmente silenciadas, deturpadas, violadas e excluídas dos currículos, e criem

suas próprias representações, falando em primeira pessoa, retrçando as rotas malfeitas do colonialismo. Urge escancarar as belezas e potencialidades deste país múltiplo em sua configuração étnico-racial, mas também, paradoxalmente, racista e de mentalidade escravocrata, que precisa sanar muitas dívidas e reparar econômica, política e culturalmente toda uma parcela de gente condenada a viver de ausências, marginalizações e violações de direitos, de gente que vive num país sob escombros. Todos os dias, mulheres negras escritoras do mundo inteiro, erguem-se, unem suas vozes e entoam um cântico sagrado, cujo refrão diz que fêmeas palavras negras importam!

Renálide Carvalho, natural de Jacaraú (PB), é escritora, atriz e educadora negra, feminista, militante dos movimentos sociais e da negritude

Foto: Rafael Arbex/Estadão Conteúdo



Conceição Evaristo: “Eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e, às vezes, a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara”

A margem esquecida do tempo

o tempo
trago-o na palma das mãos
opaco
como um espelho
sombra
de tudo que vivi
(sem culpa ou falta)

meus dias deslizam
no chão das horas

e o tempo é uma ponte
com meu corpo
esticado
entre duas margens:

o homem, na margem
obscura
da noite

o menino
na margem clara
do dia

entre um e outro
as águas do silencioso
rio do tempo

Solo azul para oboé

afeto
não faz barulho

afeto faz música
macia música

que emana do teu tenro colo
como um canto pastoral

afeto não traz barulho
afeto nos traz a paz

(emoldurada)

nas dobras do teu abraço

afeto
traz a tranquilidade
da paisagem
do fim da tarde

como um solo azul para oboé



Rodrigues

A esperança e a utopia

*poesia; terra
onde se planta
a esperança*

*a esperança: pulpito
onde nos é ofertado
o bem
na bandeja
do futuro*

*o futuro nos aguarda
vestido no manto
verde
da utopia*

Blue Note

*saxofone
cachimbo
musicalmente
aceso*

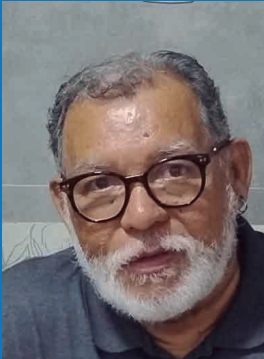
*queimando
notas
e acordes
entre os dedos
da minha mão*

do fim da tarde



Ilustração: Lucas Nóbrega

Edmilson José Silva é poeta e professor, formado em Letras pela UFPB. Ensinou Literatura brasileira no Liceu Paraibano. Com o pseudônimo de José Rodrigues publicou o livro de poemas 'A agonia Mineral dos Dias', em 1997.





Cuidadores da memória

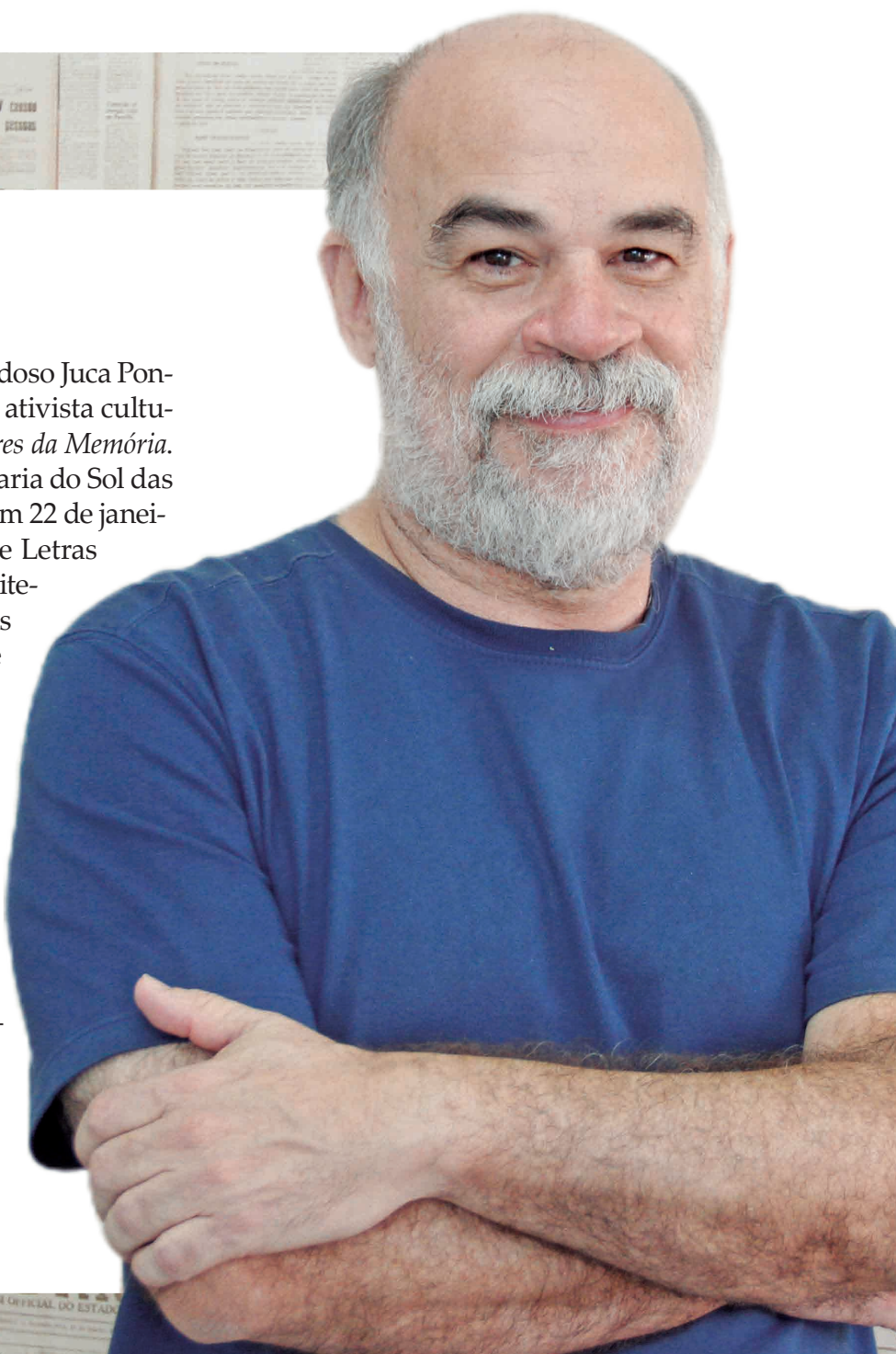
José Edmilson Rodrigues

Especial para o Correio das Artes

Resgato uma conversa com o saudoso Juca Pontes – jornalista, escritor, poeta e ativista cultural – dentro do projeto *Cuidadores da Memória*. Ele foi um dos idealizadores da Confraria do Sol das Letras (Pôr do Sol Literário), lançada em 22 de janeiro de 2013, na Academia Paraibana de Letras (APL), em João Pessoa. Fez parcerias literárias com vários fotógrafos e artistas visuais, como também, foi editor de revistas e livros.

Nascido em 10 de novembro de 1958, em Campina Grande (PB), ele viveu por muitos anos na Rua Duque de Caxias, no bairro da Prata, na casa dos tios Antônio Arruda e Onélia Arruda. Juca Pontes, estava radicado em João Pessoa há mais de três décadas, cidade onde construiu sua trajetória cultural e literária. A conversa foi realizada em 22 de janeiro de 2019, no MAG Shopping, na capital paraibana. Ele faleceu no dia 8 de abril de 2023.

Foto: Edson Matos/Arquivo A União



■ **Você viveu um tempo em Pernambuco e, por isso, se considera meio paraibano, meio pernambucano. É isso? Conte essa história.**

É verdade. Minha família é de Caruaru e de Santa Cruz. Só que, quando minha mãe ia ter filho, viajava para Campina Grande porque meu tio, Antônio Arruda, era anestesista, e assim tudo ficava mais fácil. Então fui gerado em Caruaru, mas nasci em Campina Grande. Minha mãe faleceu quando eu tinha 14 anos, e a partir daí me mudei de vez para Campina. Voltei a ser, com todas as raízes, o paraibano que sempre fui.

■ **E quem foram seus pais?**

Minha mãe foi Maria Lúcia Alves Pontes. “Pontes” veio do meu pai, José Latino Pontes, mas praticamente não tive convivência com ele. Ele saiu de casa quando eu tinha seis anos. Eu costumo dizer que nunca tive pai, porque minha mãe foi tudo para mim – mãe e pai ao mesmo tempo. Houve apenas um curto período em Guarabira, quando ele voltou para lá e abriu uma loja. Passei um ano convivendo com ele, mas depois não tivemos mais proximidade.

■ **Quando e onde foi seu primeiro contato com as letras? Foi em Campina mesmo?**

Sim. Comecei ainda criança, no Colégio Pequeno Príncipe, dirigido por Maura Ramos, e depois estudei no Colégio Pio XI, quando o diretor era o padre Gerônimo.

■ **Desde quando você mora em João Pessoa?**

Desde 1977. Primeiro fui para Guarabira, passei um ano estudando lá, e depois me mudei para João Pessoa para me preparar para o vestibular. Fixei-me aqui nesse

mesmo ano, estudando no Colégio Pio XII. Fiz vestibular para Letras na UFPB, mas confesso: sempre quis Arquitetura.

■ **E por que a mudança de Arquitetura para Letras?**

Foi por influência da Academia Paraibana de Poesia. Eu tinha 17 anos, estudava no Pio XII e comecei a frequentar a Academia. O presidente era Luiz Fernando da Silva e ele me pediu para preparar o boletim semanal. Eu não sabia datilografar, escrevia tudo à mão e rodava no mimeógrafo do colégio, com papel cedido pelo diretor. Aos sábados levava o boletim para a Academia. Esse foi meu primeiro trabalho como editor. Foi daí que veio a mudança de Arquitetura para Letras.

■ **E qual foi seu primeiro emprego, seu primeiro contato profissional?**

Ainda em Guarabira conheci Alda Lúcia, esposa de Sérgio de Castro Pinto. A partir daí criei laços também com Sérgio, que se tornou um grande amigo. Já em João Pessoa, vivendo em pensões e com dificuldades financeiras, conheci o jornalista Antônio Barreto Neto, diretor técnico de **A União**. Ele me convidou para ser seu assistente na edição do *Correio das Artes*. Depois, quando foi assumir a Rádio Tabajara, me disse que indicaria meu nome para assumir a editoria do *Correio*.

■ **E isso aconteceu? Seu nome foi aceito?**

Não. Barreto me apresentou a Gonzaga Rodrigues, que havia assumido a direção técnica. Eu era muito jovem, quase um menino, e Gonzaga não quis entregar a editoria de um caderno tão importante como o *Correio das Artes* para alguém sem experiência. Saí arrasado, porque aquela era minha esperança de sobreviver e seguir editando. Mas compreendi a decisão dele.



Foto: Arquivo A União



Foto: Evandro Pereira



Foto: Arquivo A União

Em uma de suas últimas entrevistas, Juca Pontes (ao lado) rememorou os intelectuais e amigos importantes para a sua vida e a sua trajetória (de cima para baixo): Antônio Barreto Neto, Gonzaga Rodrigues e Raimundo Nonato Batista

■ **E como você sobreviveu a essa fase difícil?**

Foi um tempo de penúria. Eu estava sem dinheiro até para ônibus. Costumava lanchar na porta de **A União** com uma senhora que vendia sanduíches com guaraná – aquilo era, para mim, a maior refeição. O destino, porém, mudou minha vida. Gonzaga chamou justamente Sérgio, meu amigo, para o cargo. Procurei Sérgio, contei minha situação, e ele me apresentou a Raimundo Nonato Batista, que se tornou fundamental na minha vida. Raimundo me chamou para trabalhar no Festival de Areia, em homenagem a Augusto dos Anjos. Foi aí que realmente comecei a atuar na cultura.

■ **E como era João Pessoa naquela época?**

Era uma cidade tranquila, muito diferente de hoje. Vindo do interior, o que mais me encantava era o mar. O mar foi minha grande descoberta e permanece como símbolo de João Pessoa para mim. Era uma cidade calma, verde, acolhedora, e foi isso que me conquistou.

■ **Onde você morava?**

No centro. Primeiro numa pensão na Duque de Caxias, depois na Almirante Barroso. Eram tempos difíceis, quase fui despejado por falta de pagamento. Mas foi nesse período que Raimundo apareceu e mudou meu destino, me dando trabalho e apoio.

■ **Você se tornou funcionário do Estado quando?**

Desde 1981.

■ **E sua família? Você se casou, teve filhos?**

Casei com Michela Bruna, filha de Raimundo Nonato Batista. Tivemos quatro filhos: Maíra, Iam, Tao e Jade. Hoje tenho quatro netos. Estamos separados há cerca de vinte anos, mas fiquei com os filhos e cuidei deles sozinho, como minha

mãe fez comigo. Além disso, tive a sorte de contar com grandes referências paternas: meus tios Severino Pontes e Antônio Arruda, o próprio Raimundo Nonato, e o poeta Ronaldo Cunha Lima, que foi como um pai para mim.

■ **Qual sua intimidade com Campina Grande quando adolescente? Como você observava a cidade nessa época?**

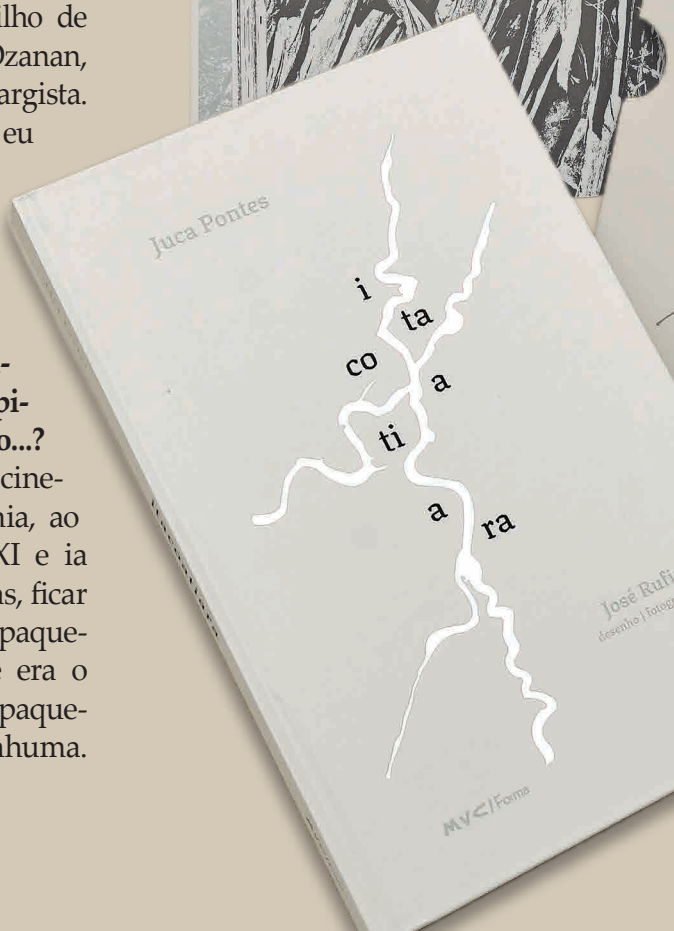
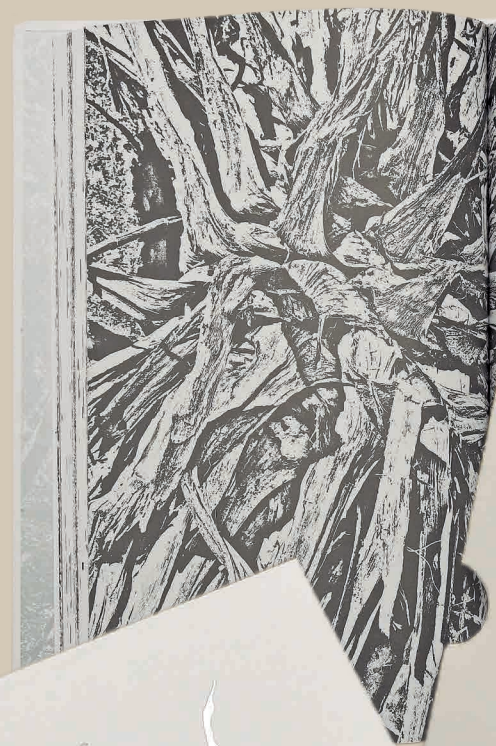
Minha relação com Campina foi muito forte na infância. Até a morte da minha mãe, quando eu tinha 14 anos, eu vivia lá. Nesse tempo, andava muito com meu primo. A diversão era outra, bem diferente de hoje. A gente brincava muito na rua, de “baleado”, e fazia carrinhos de rolimã. No setor onde eu morava tinha uma ladeira enorme, perto da caixa d’água, e a gente construía um carrinho bem grande, descia todo mundo junto. Era muito bom: estudar, brincar e conviver na rua, com a vizinhança.

■ **Quem eram seus contemporâneos nesse período?**

Minha turma era formada pelos Araújo — Marcelo e Tarcísio, filhos do Dr. Franklin. Também tinha Tarcísio Ferreira, filho de seu Djalma; Gil; e Fred Ozanan, que depois se tornou chargista. Era com essa turma que eu convivía. Teve uma época em que jogávamos vôlei na casa do Dr. Franklin. Foi uma fase muito boa.

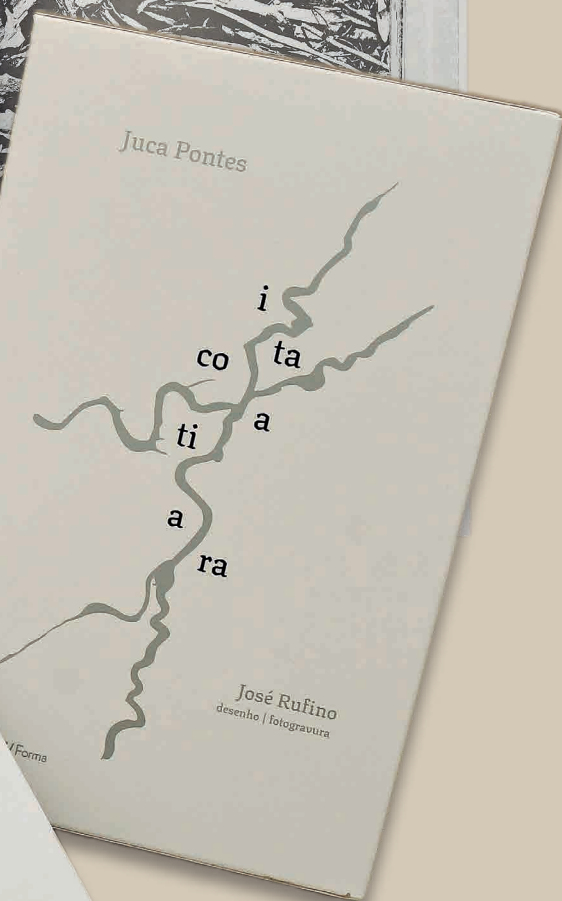
■ **E quais eram os entretenimentos em Campina Grande? Cinema, circo...?**

Eu sempre gostei de cinema. Ia muito ao Babilônia, ao Capitólio. Saía do Pio XI e ia para o Colégio das Damas, ficar ali na Praça da Bandeira paquerando as meninas. Esse era o nosso lazer: cinema, rua, paquerar, sem preocupação nenhuma. Era só viver.





Fotos: Edson Matos/Arquivo A União



Páginas e capa da última obra lançada por Juca Pontes, "Itacoatiara" (2022), uma antologia poética sobre a Pedra do Ingá

■ Mudando novamente para João Pessoa: você conseguiu trabalho e entrou para o Estado. Como foi?

Como disse, tive um pai em Caruaru, outro em Campina, e em João Pessoa foram dois: Raimundo Nonato e depois Ronaldo Cunha Lima. Eu já conhecia o poeta de Campina, quando ele era prefeito. Depois, em João Pessoa, quando se candidatou a governador, nos reencontramos. Eu já estava no Estado, nomeado no governo de Burity. A partir daí, nossa convivência foi extraordinária. Nunca gostei de política, mas acompanhava o trabalho dele. Nossa relação, porém, era mais literária. Editei todos os livros do poeta, com exceção de três publicados fora. Mesmo os lançados pela José Olympio, no Rio, eu editava aqui e mandava prontos. Esse convívio mudou minha vida, porque a literatura cresceu muito nesse diálogo constante.

■ Nesse campo literário, que tipo de assessoria você dava a Ronaldo Cunha Lima?

Fazia tudo. Organizei lançamentos na Academia Brasileira de Letras. Ele chegou a palestrar lá. Viajávamos muito ao Rio, porque ele tinha o projeto de se candidatar à Academia. Tivemos contatos importantes, como Aramis Aires, paraibano da *Manchete*, que nos apresentou a Arnaldo Niskier e Murilo Melo Filho, figuras centrais da ABL. Também organizamos uma exposição e um lançamento no Congresso Nacional, quando ele já era senador. Sempre dei suporte a tudo o que dizia respeito ao poeta.

■ Essa exposição em Brasília, o que apresentava?

Mostrava as duas faces dele: político e poeta. Comendas, livros, poemas, vídeos, como o da participação no programa

do Jota Silvestre. Recuperamos acervo que hoje está na Fundação José Américo. Minha filha Maíra, arquiteta, montou a sala dedicada a ele. Era um trabalho de equipe, sempre com Danusa Azevedo e outros colaboradores.

■ Você também opinava nos poemas dele?

Não. Quem opinava era o primo dele, Odir Cunha Lima. Eu, como editor, sugeria apenas a forma dos livros, o projeto editorial. Os textos eram intocáveis, eram dele.

■ Nesse período, além de Ronaldo, você trabalhava com outros escritores paraibanos?

Sim. O trabalho de editor foi e continua sendo permanente. Hoje mesmo edito o livro de 70 anos de Dom Eurico. Já editei livros de Roberto Cavalcante, projetos pela Gráfica JB, entre outros. Paralelamente, sempre escrevi e publiquei minha própria poesia. Nada disso atrapalhou minha relação com Ronaldo, que era quase de pai para filho. Ele estava no Palácio e ligava: "Onde você está? Venha aqui que eu preciso falar com você". Era uma convivência diária.

■ Já que estamos falando de Ronaldo Cunha Lima: como você vê a política nacional hoje?

Nunca gostei de política, mas por causa dele acabei acompanhando. Depois, me aproximei também de Cícero Lucena, que se tornou amigo. Mas política nunca foi minha praia. Hoje vejo tudo muito pior. O poeta já estava decepcionado, dizia que a política tinha virado negócio. Imagine se visse hoje... Hoje não é mais negócio, é roubalheira. O *impeachment* foi um circo, um espetáculo vergonhoso. Não defendo nem PT nem outro partido, mas aquilo não foi sério. Desde então a política

se desmoralizou de vez. O país precisa de uma política sincera, correta. Mas o que vemos é corrupção em todos os lados.

■ **Vamos falar de sua produção intelectual. Seus livros, seus textos publicados.**

Minha produção é lenta. Escrevo sempre, mas publico pouco. Meu livro mais importante é *Ciclo Vegetal*, que levei 15 anos para concluir e lancei em 2013. Mesmo tendo publicado antes, considero esse meu verdadeiro primeiro livro. Depois veio *Mar do Olhar* (2017), e agora concluo *Itacoatiara*, sobre a Pedra do Ingá. Esse tema me encantou tanto que se tornou um livro independente, não apenas um capítulo. Trabalho nele há

20 anos e deve sair no próximo ano. Formam uma trilogia: memória, olhar e encantamento. Paralelamente, escrevo um livro infantil para meus netos, *As Aventuras do Garoto Cueca e da Menina Sapeca*, inspirado em Ravi e Maya.

■ **E o que João Pessoa representa para você hoje?**

Campina sempre estará em mim, é minha raiz. Mas João Pessoa me acolheu e me deu o espaço para realizar meu trabalho. O mar é meu grande símbolo da cidade. Divido minha vida entre Campina, Caruaru e João Pessoa — mas foi aqui que encontrei a possibilidade de viver plenamente minha vida e minha literatura.

José Edmilson Rodrigues é paraibano de Campina Grande, poeta/ensaísta, memorialista, advogado, funcionário público. Membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG) e do Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP).

Foto: Evandro Pereira



Além de jornalista, editor e ativista cultural, Juca foi autor de diversos livros, entre coletâneas poéticas e obras infantis, que ele dedicava aos seus netos



Jon Moreira
moreira_jon@hotmail.com



“Mudar é um enigma só para plantas”

30 anos da
poesia de André
Ricardo Aguiar

Há uma poesia que mora na varanda dos olhos, descobrindo, desnudando, fazendo-nos ver mais e melhor o mundo que nos cerca e nos invade. Assim é a poesia de André Ricardo Aguiar, que em seu *Mudar é um enigma só para plantas*, publicado pela Confraria do Vento, comemora junto aos leitores os 30 anos de sua obra. A coletânea conta com poemas selecionados de seus livros *A flor em construção*; *Alvenaria*; *A idade das chuvas* e *Da existência enquanto gato*, além dos textos inéditos.

Ilustração: Bruno Chiossi

Ao longo de sua trajetória, André passeou pelos poemas, contos, crônicas e pela literatura infantojuvenil. Há na obra desse diverso e inquieto escritor pelo menos uma constante: o esmero com a linguagem. Durante a leitura de seu mais recente livro — em particular da seção Jardim suspenso, composta por poemas inéditos —, não pude deixar de lembrar o verso de Manoel de Barros: “Poesia é a infância da língua”. As crianças e as/os poetas têm o olhar virginal diante da vida, suas palavras inauguram as coisas, inventam usos, revelam mundos. O véu do cotidiano ainda não recobriu sua linguagem. Esse idioma poético é, exatamente, o espaço puro da invenção, da liberdade contraventora da palavra.

Nesse sentido, há coisas que só a poesia alcança, ela nos ensina sem explicar; nos revela, como em um negativo, o que a palavra esconde. Dela tiramos achados, desconcertos precisos. Sobre essas iluminações, lembro de uma conversa que tive com minha filha Maria, na época com uns quatro ou cinco anos. Ao perguntar se ela sabia o que era algo morno, ela me desmontou dizendo que o morno é um quente bem fininho. Há quem discorde? E na conversa que tive com os versos de André Ricardo, ele me disse que o infinito é “o sonho de um Deus que nunca acorda”, que o fósforo é um “prometeu portátil”, que o caracol é um “pequeno Minotauro carregando o labirinto”. E o gato? Este ganhou uma enciclopédia de invenções, é “um tigre em cápsula menor”; seu miado é “o rugido em MP3”.

Em *Big Bang*, o autor aponta um dos principais

processos de sua poética: esse olhar inventivo e desautomatizador que lança sobre a normalidade dos dias. Vamos ao poema:

Big Bang

*Às vezes o próprio universo
se cria em objetos cotidianos.*

*Vi que uma nebulosa respirava
numa ponta da almofada.
Já vi cometas enfatiados, terminando
uma volta na praça nos ponteiros
do relógio.
E um buraco negro (tão azul)
num ralo da pia.*

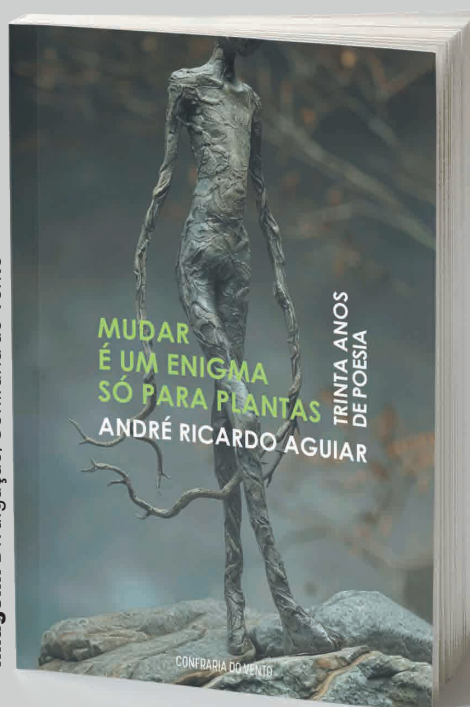
*E depois ainda dizem que os
mundos
feitos de argila e sopro
levam bilhões de anos
para se formar.*

*A mim me basta a rotação
gravitacional
de uma colher
numa xícara de café.*

Para o eu-lírico de *Big Bang*, os versos estão escondidos pela casa, debaixo de uma almofada, nos ponteiros do relógio, no cafezinho. Cabe a nós encontrá-los, é o nosso olhar que se lança na criação desses universos. As palavras são o barro pelo qual o poeta sopra a poesia. Longe de uma visão mistificada sobre arte e sem se perder em uma metalinguagem asséptica, o poema aponta para aquela “infância” de que nos fala Manoel de Barros, para a invenção desregrada que as crianças têm e no mais das vezes nós perdemos. No poema, a criação e expansão das galáxias margeiam o trabalho com a linguagem. As escalas se confundem e o buraco negro cabe no ralo da pia, constelações se criam e desaparecem em um bloco de papel desse eu-lírico demiurgo. A colher que mexe o café também gira o mundo.

No poema *Bolha de sabão*, que abre o livro, há um processo semelhante; a linguagem leve e de aparência pouco pretenciosa esconde as camadas de sentido, que não se entregam ao primeiro olhar.

Imagem: Divulgação/Confraria do Vento



Publicado pela Confraria do Vento, o livro conta com poemas selecionados das obras: “A flor em construção”; “Alvenaria”; “A idade das chuvas” e “Da existência enquanto gato”, além dos textos inéditos



Bolha de sabão

*A bolha de sabão é um pequeno planeta
muito delicado. Não o invada.
Veja que os continentes
não vão durar muito. O mesmo se dá
com os mares finíssimos.
Sua atmosfera de roupa lavada
tem um clima instável ao tato.
Talvez a população da bolha sequer se mova
em ondas migratórias, ou o pequeno
planeta, ploft, teria drasticamente
finda a sua geologia
etérea.
Um deus criou este mundo num sopro.
Já começou outro.*

*Ao longo de sua trajetória,
André Ricardo Aguiar passou
pelos poemas, contos, crônicas
e pela literatura infantojuvenil.*

O poema surge com a bela imagem de um menino deus criador de mundos. Há também aqui esse olhar desbravador da banalidade, um eu-lírico que encontra planetas em uma criança soprando bolhas de sabão. De certa maneira, esse texto se constrói a partir de uma lógica semelhante ao poema anterior: mundos são criados diante dos nossos olhos em todos os instantes, planetas delicados que não duram mais do que o tempo do deslumbre. O poema fotografa essa fragilidade e a recria nas sensações que provoca no leitor.

A poesia também pode ser esse objeto que exige cuidado, o olhar atento do poeta se renova na atenção

do leitor. Seus continentes, seus mares, sua atmosfera são instáveis ao tato e tentar explicá-la por completo é invadi-la sob o grande risco de ouvir um *ploft* e perder o que realmente interessa em sua frágil arquitetura.

Por fim, sem a afetação dos textos que se miram profundos, o poeta lembra-nos que guardamos mais da delicadeza etérea desses planetas de sabão do que gostaríamos. Há também, sob as camadas de sentido, a representação da nossa própria fragilidade. Resta-nos contemplar esse instante de beleza, enquanto esquecemos sua brevidade.

Em seu *Mudar é um enigma só para plantas: trinta anos*

de poesia, André Ricardo Aguiar ratifica a consistência de sua obra na literatura contemporânea brasileira. Um livro que reapresenta um poeta maduro, dono de sua dicção; uma poesia que nos revela os pequenos deslumbres que nos escapam pelo descuido dos dias. Um poeta que não se deixa distrair com as estrelas e lança seu olhar para os seus, para o nosso tempo.

Jon Moreira, natural de João Pessoa, é escritor, professor e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2015, publicou o livro de poemas 'Anjo Diluidor', pela editora Patuá. É pesquisador nas áreas de literatura e canção.



Banana Yoshimoto e a arte do luto cotidiano em “Kitchen”

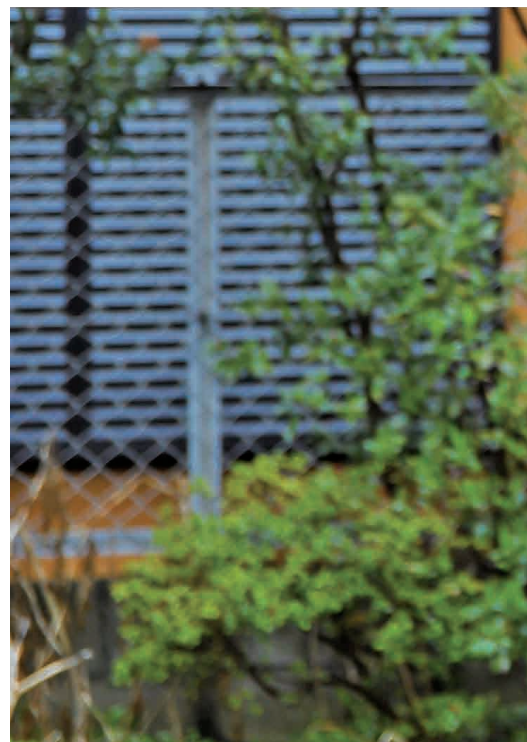
Eduardo Augusto

Especial para o Correio das Artes

Tendo como protagonista uma jovem órfã que encontra refúgio emocional na cozinha, Yoshimoto constrói uma narrativa aparentemente simples, mas profundamente filosófica

Quando *Kitchen* foi publicado no Japão, em 1988, Banana Yoshimoto tinha apenas 24 anos. O livro, o seu romance de estreia, tornou-se um fenômeno literário imediato, vendendo milhões de cópias e transformando a jovem autora em uma voz emblemática de sua geração. A primeira edição brasileira saiu em 1995, publicada pela editora Nova Fronteira. Agora, mais de três décadas depois, os leitores brasileiros podem conhecer essa obra-prima, em uma cuidadosa edição da Editora Estação Liberdade, que inclui como bônus o comovente conto *Moonlight Shadow* — duas narrativas que exploram, com sensibilidade ímpar, os meandros do luto e da reconstrução afetiva.

O romance que redefiniu a literatura japonesa contemporânea, *Kitchen* conta a história de Mikage, uma jovem órfã que encontra refúgio emocional no espaço mais prosaico e, ao mesmo tempo, mais carregado de significado de uma casa: a cozinha. Yoshimoto constrói uma narrativa aparentemente simples, mas profunda-



mente filosófica, sobre como seguimos em frente quando tudo parece desmoronar. A acolhida inesperada por Yui-chi — um jovem que conheceu brevemente — e a sua mãe transgênero, Eriko, revela a genialidade da autora em retratar as novas configurações familiares e os laços que surgem das cinzas do acaso.

O que torna *Kitchen* tão especial é sua capacidade de transformar o ordinário em extraordinário. Banana Yoshimoto não escreve sobre grandes tragédias, mas sobre os pequenos gestos que nos mantêm vivos: o ritual de preparar uma refeição, o conforto de uma xícara de chá compartilhada ou a luz da manhã entrando por uma janela. Sua prosa, límpida e econômica, carrega uma emotividade contida que remete aos grandes mestres da li-

teratura japonesa, como Yasunari Kawabata, mas com uma sensibilidade decididamente contemporânea.

Luto como experiência onírica

O conto *Moonlight Shadow*, incluído na edição nacional de *Kitchen*, aprofunda a exploração yoshimotiana do luto, desta vez com um toque de realismo mágico. A narrativa acompanha Satsuki, uma jovem que perde o namorado em um acidente e, em seu processo de luto, vivencia um encontro sobrenatural que desafia as fronteiras entre a vida e a morte.

Aqui, Yoshimoto alcança o auge de sua poesia narrativa. O conto é uma meditação sobre como a perda pode

transformar nossa percepção do tempo e do espaço, criando brechas por onde o impossível escorre para o real. A cena final, em que Satsuki testemunha um fenômeno inexplicável à beira do rio, é uma das passagens mais belas e comoventes já escritas sobre o tema do luto na literatura contemporânea.

Atualidade da obra no Brasil

O relançamento de *Kitchen* no Brasil pela Estação Liberdade chega em um momento particularmente oportuno. Num mundo pós-pandêmico, onde milhões lidam com perdas e reconstruções, a obra de Yoshimoto fala diretamente à nossa condição atual. Seus personagens não são heróis, mas sobreviventes comuns que aprendem

a carregar suas dores sem deixar que elas os definam.



Foto: Toshihiko-Fukuda/Divulgação

Mais que um livro, *Kitchen* é uma experiência literária que permanece conosco muito depois da última página. Yoshimoto não oferece respostas fáceis, mas presenteia-nos com algo mais valioso: a compreensão de que a cura não está no esquecimento, mas na transformação da dor em algo novo — assim como os ingredientes numa panela se transformam em algo maior que a soma de suas partes.

A beleza do efêmero

Essa nova edição, além do conteúdo literário de excelência, apresenta um projeto gráfico que honra a delicadeza do texto. As fotografias de Tokuko Ushioda, uma das mais importantes fotogra-

fas japonesas do século 20, na capa e no interior do livro criam um diálogo visual perfeito com o universo de Yoshimoto — imagens que, como sua prosa, capturam a beleza melancólica do cotidiano e o peso emocional dos espaços vazios.

Além da força literária de Banana Yoshimoto, a edição ganha camadas extras de significado graças às fotografias de Ushioda. Ela é conhecida por seu olhar sensível sobre o cotidiano, capturando instantes aparentemente banais que, sob sua lente, revelam uma quietude poética e uma nostalgia delicada.

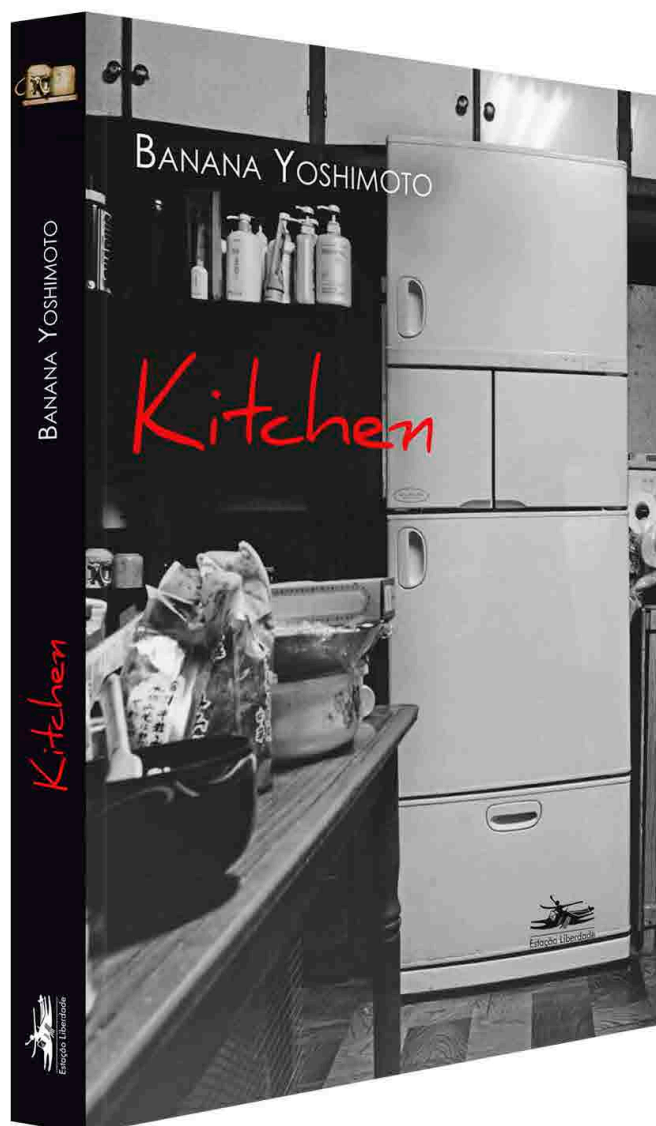
As imagens escolhidas para a edição “casam” perfeitamente com o universo de Yoshimoto: objetos do-

mésticos, espaços vazios banhados por luz natural e uma atmosfera que oscila entre o íntimo e o melancólico. Há nelas a mesma economia de gestos que define a prosa da autora — nada é excessivo, mas cada detalhe carrega um peso emocional. Uma xícara deixada sobre a mesa, a sombra de uma cortina balançando ao vento, o reflexo difuso em um vidro... Tudo parece ecoar os temas de *Kitchen* e *Moonlight Shadow*: a transitoriedade da vida, a beleza fugaz dos encontros e a persistência da memória nos objetos mais simples.

Ushioda dedicou parte de sua carreira a registrar o Japão em transformação, sempre com um enfoque humano e contemplativo. Suas fotos evitam o espetacular, preferindo o silêncio visual que convida à introspecção — qualidade que faz delas companhias ideais para a literatura de Yoshimoto. Juntas, palavra e imagem criam uma experiência estética coesa, na qual o vazio também fala, e o que não é dito ressoa com ainda mais força.

Um detalhe para os colecionadores: a edição não apenas valoriza o conteúdo literário, mas também homenageia a tradição visual japonesa, tornando-se um objeto-livro que reflete a simbiose entre texto e imagem. Uma prova de que, às vezes, a capa não apenas embala a história, mas também a expande.

Imagem: Reprodução/Estação Liberdade



Mais de três décadas depois do seu lançamento original, os leitores brasileiros podem conhecer a obra, que inclui como bônus o conto 'Moonlight Shadow'

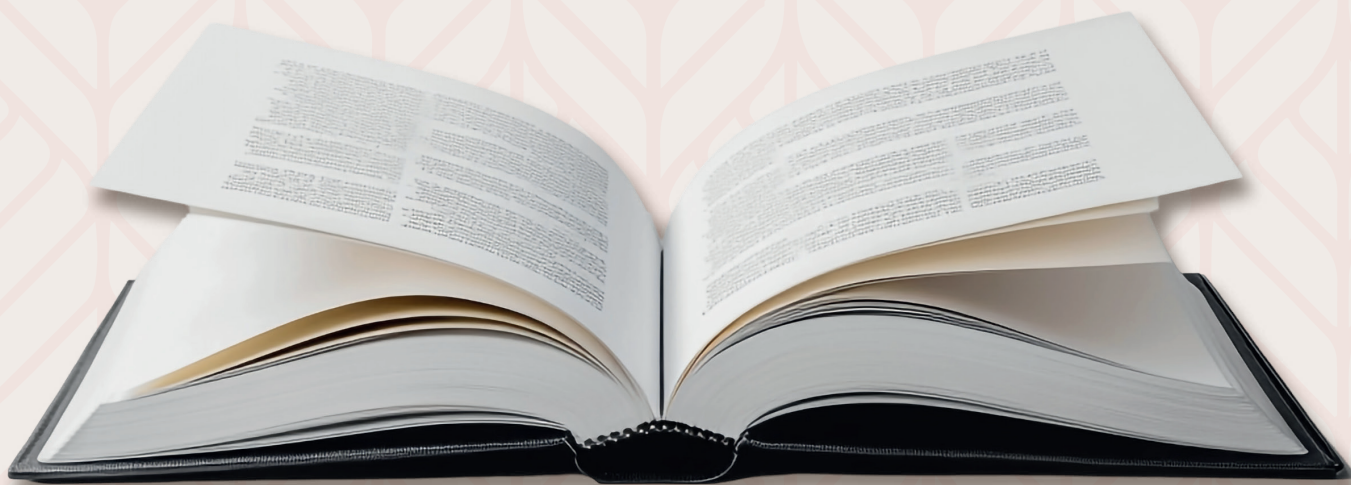
Eduardo Augusto é cientista social e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA EDITORA A UNIÃO.



Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac